

AUTORES & LIVROS

26/4/1942
Ano 11

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 11
Núm. 13

Notícia sobre Joaquim Manuel de Macedo

Joaquim Manuel de Macedo nasceu em 5. João de Itaboraí, na província do Rio de Janeiro, em 24 de junho de 1820. Era filho de Severina de Macedo Carvalho e de d. Brígida Catarina da Conceição. Fez os estudos primários e de preparatórios, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Aos 24 anos e pouco, doutorava-se, escrevendo uma tese sobre "A Nosologia".

No mesmo ano em que se formou — 1844 — e estando ainda na Faculdade, publicou a seu primeiro romance — "A Moreninha". Era uma novela graciosa e agradável, e se tornou imediatamente uma das leituras prediletas do público brasileiro. Era a primeira edição, da qual nasceu um dos biógrafos de Macedo mencionava a tipografia, trazia estampas e música adequada à bolada que a Moreninha canta no rochedo. E' esse um dos livros que maior número de edições tem sido no Brasil, sendo fácil afirmar que só estará abaixo das "Mimadas" de Cosme de Alencar, da "Inocência" e da "Guarani", de Alencar.

Em Macedo o orador de sua turma, tendo praticado, na solenidade, um discurso, que depois tirou num fôrro da alta páginas.

Não ano seguinte, publicava "O Moço Louro", livro que igualmente ficou sendo das mais famosas de sua ampla bibliografia. Nesse mesmo ano de 1845, foi Macedo admitido, como membro efetivo do Instituto Histórico. Ali esteve durante trinta e sete anos. De 1857 a 1891 foi o

orador da veneranda instituição, cargo em que sucedeu a Porto Alegre e onde foi substituído por Franklin Távora, que lhe pronunciou o elogio. Em 1876, sendo vice-presidente do Instituto Histórico, exerceu interinamente a sua presidência. Foi também durante algum tempo o seu primeiro secretário. No cargo de orador, Macedo pronunciou no Instituto 20 discursos. De 1852 a 1856 redigiu os relatórios da casa.

Simultaneamente com essa atividade, ia publicando a sua extensa obra de romancista: em 1848, os "Dois Amores"; em 1849, "Rosa"; em 1853, "Vicentina"; em 1855, "O Forasteiro" e "A Carteira de meu tio"; em 1865, "O culto do dever"; em 1867, as "Memórias da sobrinha de meu tio"; em 1869, "A Luíza Mágica", as "Vilmas alagoas", o "Rio do Quarto", "Nina"; em 1870, "A Namoradeira"; em 1871, "Um noivo e duas noivas"; em 1872, "Os quatro pontos cardeais"; em 1876, "A Baronesa do Amor". Ao lado dessa produção incessante como romancista, dava a sua larga produção como historiador, como jornalista.

Nessa última atividade, fundou ele, juntamente com Porto Alegre e Gonçalves Dias, a revista "A Guanabara", das mais características do seu tempo e cujas páginas os estudiosos da história literária do Brasil sempre consultarão com vantagem.

Joaquim Manuel de Macedo teve igualmente sua atividade política. Iniciou-a como deputado à Assem-

bléia Provincial do Rio de Janeiro, em 1854. Na 12.ª Legislatura, de 1864-1866, representou, na Assembléia Geral Legislativa, a sua província. Foi ainda deputado na legislatura de 1867-1868 e na de 1873-1881.

Sua carreira primordial foi, entretanto, ao lado de homem de letras, a de professor. Foi ele mestre de História e Geografia do Colégio Pedro II, e boa parte de sua obra foi escrita para atender às necessidades de seus alunos e em geral dos estudantes. Está nesse caso a obra intitulada "Lições de História do Brasil", publicada em 1861, "para uso dos alunos do Imperial Colégio Pedro II", livro que há dez anos se achava na sua nona edição (Garnier). Está igualmente nesse caso o livro intitulado "Lições de História do Brasil", para uso das escolas de instrução primária, e vem assim as "Noções de Geografia do Brasil", etc.

Joaquim Manuel de Macedo faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 11 de abril de 1882.

Catorze anos depois de sua morte, ao constituir-se a Academia Brasileira de Letras, foi ele escolhido por Salvador de Mendonça — seu conterrâneo, filho como ele de Itaboraí — para patrono de uma das cadeiras. Seu nome, folhe hoje sobre a poltrona n.º 20, na qual Salvador de Mendonça foi substituído por Emílio de Menezes, e no qual posteriormente se sentou Humberto de Campos.

Macedo é, sem dúvida, um dos autores mais lidos da literatura brasileira, nos dias de hoje, como o foi nos dias passados. Tem por si as nações, as que começam a ler, as que não atingiram a um certo grau de exigência e de requinte, em matéria literária. Escritor sem nenhuma profundidade, todo de superfície, ele se deleita em narrar as coisas mais simples da vida. O quadro vago e ingênuo de um idílio de estudantes e meninos trêfegos, a vaga história de um namorado qualquer sem malícia, eis, entre outros, os temas em que ele se move, delicado.

Isso é — convencionamos — muito pouco. E hoje, se quisermos julgar Macedo com o nosso gosto exigente, sob um critério da arte complexa, tendo em vista o romance depois das trágicas e infelizes sondagens que nos ensinaram os autores russos, os ingleses e alguns franceses, iremos considerar um caso totalmente paritário o do autor de "Moreninha" e de "Moço Louro".

Esse é o ponto de vista que tem sido adotado pelos críticos brasileiros da geração presente; e daí essa desdenhosa intolerância, com que vemos quase sempre julgado o velho romancista.

Mas uma tal maneira de julgar nos parece inadequada. Macedo teve o seu momento, e é colocando-o em seu momento que o devemos julgar. Nesse critério, iremos ver que a sua contribuição para o romance brasileiro chegou a ser considerável.

Há críticos das mais eminentes que o consideram o criador do nosso romance. Isso é a opinião de João Ribeiro, essa é a opinião de Ronald de Carvalho. Em sua obra, sua influência foi profunda e fecunda. Ele influenciou Alencar, Taunay, tantos outros.

Cumpre, portanto, sem alvar além das medidas do mérito de sua obra, dar-lhe, com inteira justiça, o lugar que lhe é devido em nossa literatura.



JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

SUMÁRIO

PÁGINA 199:

- Notícia sobre Joaquim Manuel de Macedo.
- Macedo, julgado por Jackson de Figueiredo.
- Sumário.

PÁGINA 200:

- A posição de Macedo na literatura brasileira, de Constantino Alves.
- A morte de Macedo, de Carlos de Laet.
- A glória de Macedo, de Goulart de Andrade.
- O passado, de J. M. de Macedo.

PÁGINA 201:

- Algumas páginas de Joaquim Manuel de Macedo: A primeira moagem — A vida de Itaboraí — O herói pátrio — O Passio Público em 1873.
- Joaquim Manuel de Macedo na opinião de Ronald de Carvalho.
- Uma opinião de Silvio Romero sobre Macedo.

PÁGINA 202:

- Bibliografia de J. M. de Macedo (Segundo Artur Mota).

PÁGINA 203:

- Joaquim Manuel de Macedo, de Filinto de Almeida (da Academia Brasileira).
- O café, de Joaquim Manuel de Macedo.
- Correspondência de escritores. Carta de Joaquim Manuel de Macedo a um amigo.

PÁGINA 204:

- O teatro de Macedo (trecho de estudo), de Machado de Assis.

PÁGINA 205:

- Joaquim Manuel de Macedo, na apreciação de José Veríssimo.
- Falando ao cavalo, de Joaquim Manuel de Macedo.

PÁGINA 206:

- Um capítulo de A Moreninha — Meia hora em banco da cama, de Joaquim Manuel de Macedo.

PÁGINA 207:

- O conceito de originalidade e outros, de D. Milano.
- Armilada, poema de Muriilo Mendes, com ilustração de E. Marcier.

PÁGINA 208:

- Mundo sem ideal, de Darcy Azambuja.
- Nomenclatura química, de Antenor Nascentes.

PÁGINA 209:

- Beleza orgulhosa, conto de José Rodrigues Miguéis, com ilustração de Osvaldo Goeldi.

PÁGINA 210:

- A compensação do Amor, de Joaquim Manuel de Macedo.
- Um comentário em torno de "Autores e Livros", de Mucio Leão.
- Roquete Pinto no Paraguai, de Gilberto Freyre.

PÁGINA 211:

- Contra as forças da Inconfidência. Uma entrevista do escritor Ernest Robert Curtiss, em 1935, defendendo a cultura humanística. — "E' sempre mau esquecer ou por de parte as lições que o passado nos legou".
- Waldo Frank, de José Lins do Rego.

PÁGINA 212:

- Alfonsus de Guimaraens Filho — Ternura peregrina.
- Pequena teoria da bondade brasileira, de Cassiano Ricardo (da Academia Brasileira).

PÁGINA 213:

- Iniciação num certa benquerer, de Ribeiro Couto.
- O sarau, de Joaquim Manuel de Macedo.
- Galeria de nomes ilustres.

PÁGINA 214:

- Um poema de Afonso Arinos de Melo Franco.
- Direto e Morlia (ensaio final), de Afonso Arinos de Melo Franco.
- Efemérides da Academia.

MACEDO, julgado por Jackson de Figueiredo

Não teve Macedo a graça vivaz, ou a ironia ágil e por isso o ridículo de que usou já mais teria fundamento o que há de mais elevado nas nossas tradições, e não há sair do seu entalhe, desmoralizado ou a sugerir, um coração, por mais lírio que seja. Macedo foi simplesmente "o verdadeiro fixador dos nossos costumes" como o chamou o sr. Ronald de Carvalho, e é este historiador da nossa literatura quem, se bem que com certa irreverência, melhor o caracteriza no quadro dos nosos ficcionistas: "Macedo — diz o sr. Ronald — não amava os escândalos, nem os crimes sensacionais, sua pena ainda tinha pudor, era socegada, bonacheira e católica. Seus alevitamentos não iam além de algumas considerações chocantes de bom senso vulgar e prático, desse bom senso apañado das pessoas de experiência, que se vingam da velhice achada e valetudinária dando conselhos, contrariando vontades, rabujando e praguejando contra as inovações, as modas audaciosas e desmoralizadoras. Seu terreno ele sabia pisar como ninguém: se nos permitam a expressão, foi Macedo um escritor da sala de jantar, do recesso da família brasileira. Seria a zúda, amiga de uns louváveis aliás, do que esse filonômico perigoso, posto em prática por certos casquilhos fis de século, pedantes e amorais".

De seu estilo pode-se dizer

que teve em naturalidade e movimento com que compensar o que lhe faltou de graça propriamente literária, delicadeza de expressão e vigor pictural.

Tendo pertencido às nossas duas gerações (e românticos, em verdade conservou sempre da primeira, sob todos os pontos de vista em que o queira fixar a crítica, as características essenciais), por isso que, como notou José Veríssimo, não há na sua obra um progresso a assinalar, sendo tão vasta e abrangendo tantos anos a sua produtividade literária. Foi igual, até o fim, não só na sua desleixada plasticidade mas até nas suas intenções de moralista.

Mas a sua obra, a todas as restrições que lhe possa fazer a crítica mais autorizada, parece fadada a resistir galhardamente, tanto é verdade que sob a sua forma pouco cuidada, há alguma coisa que se impõe ainda mais que a própria beleza literária — a vida, a vida ainda mesmo nos seus aspectos medíocres e prosaicos. "Na imensa galeria das suas personagens há algumas, como a "Moreninha" e o "Moço Louro", que ainda vivem na memória de todos, que ainda têm "presença" real, embora os anos hajam corrigido as desenhos, desde a sua ruidosa aparição". Foi, e é este o segredo da popularidade de Macedo.

(Prefácio de "A Moreninha", edição da Annuaire do Brasil, Rio). —

A POSIÇÃO DE MACEDO NA LITERATURA BRASILEIRA — CONSTANCIO ALVES

O PASSADO
J. M. de Macedo

A Academia Brasileira de Letras inicia hoje, com a sessão em honra de Joaquim Manuel de Macedo, a comemoração do centenário dos seus membros. Logo no período de formação, eulduo a Academia em dar à sua vida a solenidade do passado. Presente e futuro ganhavam com esse acréscimo de glórias remotas.

Os que vinham compor a coletividade dos quarenta, traziam para enriquecer a instituição nascentes nomes de outrora e com essa radiação de celebridades longínquas, impunham ao novo a respeitabilidade de tradição.

Cada acadêmico escolheu o seu padrinho. Assim se formou, com essa eleição de mortos, uma outra Academia, academia de sombras que a simpatia, o respeito e a admiração dos vivos resuscitavam.

Gratias a essa ficção, a Academia, mal se inaugurou, contava já séculos: os seus anéis, na cadeia dos tempos, iam até os dias em que alvoreceu o pensamento brasileiro. E' certo que com os antepassados a quem a imortalidade acadêmica não premiou — talvez pudessemos constituir — uma outra Academia dos Esquecidos. Mas os novos eram quarenta e os velhos excediam de muito esse número. Alguns haviam de ser sacrificados às exigências do que, com espírito, Joaquim Nabuco — denominou o metro acadêmico francês. Nem mais, nem menos.

* * *

Joaquim Manuel de Macedo entrou pela mão de Salvador de Mendonça, e ninguém dirá que o amoroso cultor das rosas foi injusto elegendo para seu patrono o autor de "Rosa".

Se acaso, outros motivos, além dos literários, inspiraram essa preferência, o que não faz dúvida é que o escritor da "Moreninha" merece fazer parte dos velhos que, na situação de fantasmas, pertencem à nossa companhia.

Ele é personagem considerável na nossa literatura, e quem escrever a história dela não poderá esquecê-lo.

Faça quantas restrições fizer o crítico acerca do merecimento desse homem que deixou tantas obras; mas forçoso é que registre o nome que foi extraordinariamente popular, que lhe cite os volumes numerosos.

Eles estão lá desafiando os que quiserem evitá-los com pernamas audaciosas.

Pode ser — o que não é exato — que hoje não digam nada a ninguém, mas em certa época disseram tudo ao Brasil inteiro, que em tantas páginas, agora esquecidas, se viu como num espelho.

Hoje esse espelho grande não refletiria, intencionalmente, as mesmas imagens, outras figuras vieram com outros sentimentos; mas não será difícil apontar no que é recente traços do que passou.

Procurem bem, e encontrarão aqui ou ali o moço louro e a moreninha.

Refletor da realidade ambiente, Macedo registou de preferência o efêmero, o que era superficial. Passaram as modas, os costumes são outros e assim o retratista fiel de aquele momento,

por não ter desido ao fundo das almas, e não ter sabido separar o duradouro do transitório — parece agora quase morto com a sociedade morta que ele pintou e fez rir e até chorar.

Mas se algum se der ao trabalho de procurar o que ainda respire — no que parece domínio exclusivo da arqueologia — encontrará sangue e vida num montão de pedras. Pertence acaso as espécies extintas a "Namoradeira"? Já o progresso varreu do mundo o capitão Tibério? Escutando bem não ouviremos ainda, sejam quais forem as alterações da letra, o amor paterno, repetir o desvanecimento de Basílio:

Oh! que sábio é o meu Juca
Que cabeça de rapaz!

Nas muitas e muitas páginas que consagrou à política, nem todas deixaram de ser atuais. Não é necessário ainda o esclarecimento dos comentadores para a interpretação da "Carteira do meu tio", das "Memórias do sobrinho de meu tio", dos lances de comédia em que aparecem eleitores e se assiste à obra da soberania nacional.

Se me não engana a memória, ainda vivem, ainda florescem em artigos de fundo e sátiras políticas — frases de Macedo, pilhérias de Macedo.

"O pão de ló do Tesouro", — não desapareceu do "menú" ou cardápio cotidiano da imprensa.

A caricatura dos dias de agora reedita sempre o gracejo fúnebre da Constituição enterrada, com o "aquí jaz" do estilo. Mudamos de regime, mas o "humorismo" de outrora continua.

Macedo não é tão defunto como se supõe, e não está inteiramente sepultado sob os volumes que produziu e que afirmam a multiplicidade de suas aptidões. Romancista, poeta, comediógrafo, historiográfico, folhetinista — deixou, de seu grande labor, páginas que ainda lemos com agrado, que podem impressionar e que corram eternamente.

O que faltou, a quem tocou em tantas cordas, foram dedos de artistas. Ele não teve, como Alencar, o dom do estilo, a felicidade de elevar os seus pátrios com uma música que ainda não tinham ouvido. A prosa de Macedo é um pouco pesada e baça; a sua música é um tanto surda. A sua graça faltou asas. Mas, essa interioridade é mal de muitos, e se fossemos demasiado severos em julgar, a que estreiteza não reduziríamos o trabalho de tantos homens e de tantos anos?

Não somos tão ricos para desprezar o ouro encontrado na obra copiosa e desordenada de escritores que, num meio hostil às manifestações do espírito literário, resignados à pobreza e a indiferença, foram formando, volume a volume, o monumento comemorativo de sua vida.

A atividade intelectual de Macedo, só interrompida pela morte, dá-lhe o direito de receber as homenagens da Academia, de aspirar à simpatia dos que conhecem quanto há de cruel e ingrato nessa tarefa de escrever.

("Jornal do Comércio" — 24-6-1920).

A Morte de Macedo — Carlos de Laet

Já não existe o dr. Joaquim Manuel de Macedo.

O romancista, dramaturgo e poeta que por longos anos sentia vibrar uníssono com o seu coração ingênuo e bom das multitudes — se não o de Aristarques severaismas e ferocissimas — o escritor laborioso, que lançou uma das primeiras pedras da nossa incipiente literatura, deitou-se a dormir para sempre na terra que lhe foi berço — a modesta vila de Ilhabela.

Por uma fatalidade, verdadeiramente lamentável, este homem, que nunca foi de luta ou de polémica, teve de sofrer, logo após sua morte, um julgamento não menos terrível que aquele a que os egípcios condenavam os seus Farós; e nas colunas da imprensa, aliás tão pródiga de louvações para mediocridades vivas, não seria difícil apontar amargas apreciações sobre o morto, e que não só da inoportunidade derivaram a sua amargura, o que fora pouco, mas ainda, e principalmente, da injustiça que as impregna. Foi assim que para explicar a imensa popularidade de Macedo, fato que não é seriamente contestável, escreveu-se que ele comecara único, e do secundarismo e laureado literato fez-se uma espécie de fossil, enterrado no siluriano de uma sociedade sábia, e tão antiquado que, com prazer, só pode ser lido por gente da roça ou meninos de doce anos!

Eu compreendia este sobrio desdém pelos homens de ontem, se os de hoje se lhes

avantajassem com côvados na estatura literária. Mas onde estão os gigantes, hodiernos produtos da tão preconizada evolução científica? Onde o romance sociológico, darwinico, engendrado segundo os processos modernos nas profundezas cerebrais de algum dos sucessores de Macedo, desses que ora o nivelam com o autor das histórias de "João Ratão" e da "Princesa Magalona", boas quando muito para acalentar crianças ou divertir campônios? Certo que os não vejo, aos tais gigantes desdenhosos!

O desconhecido rabiscador destas páginas efêmeras é também moço, serve a largos haustos o melo em que se imerge, nem há por fim pregar a imobilidade com adoração do passado, — esta declaração é necessária nos tempos que correm: — mas o que nunca admitirá é a injustiça feita a quem não se pode defender, nem o desprezo sistemático de ontem, só porque hoje é hoje.

Em nosso tempo predominam as tendências científicas e industriais; temos por alvo o verdadeiro, principalmente o útil, e descuramos o belo em suas múltiplas manifestações artísticas; donde, porém, nos viria o direito de apoucar o mérito dos pensadores que nos precederam? E depois, que censuras tão alheias aos bons métodos da crítica! Exprobrar-se a Macedo o ter sido há quarenta anos o homem da sua época, é quase infantil; semelhante crítica é bem capaz de lançar em rosto ao Pombal o ter usado de

caleções. De mais, o elemento patriarcal, figurado por Macedo nos primeiros romances, não tem a ancestralidade que tentam alguns atribuir-lhe. A crítica cortês quer julgar o Brasil pelo que vai na pequena orla marítima, onde os costumes nacionais se têm modificado algum tanto, sob variados influências. Se os críticos que assim pensam desejam ver "Moreninha", que supõem morta e soterrada, eu posso mostrá-la aos incrédulos vivos, alegre, ignorante, mas ingênua e tal como nós a pintou Macedo. Nem é preciso muito para operar o prodígio basta tomarmos o trem e irmos galhoficamente, eu e a crítica feroz, como bons amigos que somos, até qualquer fazenda da serra acima!

Não, o Brasil, felizmente, não é somente a capital do Império, ou antes, a parte viciosa da Capital; o doce e tranquilo viver da família não se perdeu de todo; a nota sentimental, tão sarcásticamente condenada por certos críticos vibra ainda e invade de harmonias a alma do povo; ora, Macedo foi, sobretudo, um escritor popular.

De igual força são outras arguições, e nem quero, nem devo aqui reproduzi-las, porque distintos colegas já tomaram a si a tarefa. Meu intuito foi apenas que, destas mesmas colunas de rodapé, tantas vezes iluminadas pelo esplêndido talento do dr. Macedo, partisse um protesto contra as injustas severidades que contra ele se proferiram. Essas injustiças, eu

as atribuo, não à malignidade de cavalheiros que muito preso, mas antes à precipitação com que escreveram, urgidos talvez pelo prurido de condenar, em cinco minutos, uma laboriosíssima vida literária de quarenta anos.

A glória de Macedo

Goulart de Andrade

Para acalentar a imaginação, embalsamando os sonhos do leitor ou espectador, bastam as fabulações químéricas dos reinos lendários, onde as figuras adormem, falando a linguagem dos símbolos, movendo-se em ritmo de dança, a postura em sucessão de maravilhosas acrobacias, os gestos estilizados, tudo irreai. Oh! o delicioso pausa-tempo!

Mas para estudar com forte laço a atenção de leitores e auditórios, nada há como a representação da verdade nos usos, costumes, linguagem e sobretudo nos sentimentos, iguais que são esses em todas as latitudes, os mesmos em qualquer país, sob todos os climas.

Todavia, nem por ter ordinariamente a existência um desenvolvimento trágico, deixa de contar também, meros de Deus, os seus infantes que chamarem amos. Eram essas horas fugidas as preferidas sempre por Joaquim Manuel de Macedo, e ninguém se fixou entre nós com maior exactidão, porque a sua obra retrata

com exemplar fidelidade toda uma fase da nossa vida social durante o segundo império.

Assim, a romagem que ainda hoje faz o turismo sentimental à Pedra da Moreninha vem provar à sociedade quanto soube o despretencioso obreiro dar aquela fustilaria o senso da realidade.

Não gerou ele, portanto, a remanente donzela com a memória da invenção meramente literária.

Com o sentimento verdadeiro e com a observação escrupulosa dos fatos foi que ele engendrou as mais belas criações, porque, se a sua inventiva fosse além da verdade, certamente a virgem moreninha não teria vivido no coração do povo, como viveu, e conforme tantos ainda o imaginam...

E quem possui o dom maravilhoso de animar assim seres incorpóreos é, com efeito, um artista real, laureado, ante cujas reliquias não se ajoelha apenas o povo da sua terra, bem amada de Ilhabela, mas o do Brasil inteiro, que nela se gloria.

Algumas páginas de Joaquim Manuel de Macedo

A primeira moagem A VILA DE ITABORAHY O berço pátrio

Cristiano quis marcar a primeira moagem de seu engenho novo com a solenidade religiosa e comprou, de que os antigos não prescindiam nunca em certos casos, e que alguns repetem no primeiro dia da moagem de todos os anos.

No corpo principal da fábrica estava armado um altar singelo e pequeno.

O engenho amanheceu todo ornado de ramos de palmeiras e de flores agrestes.

Desde o romper da aurora, os carros armados de bandeiras e cânticos das áureas flores de palmeira e de graciosas ramagens, estendiam canas para o plantio, no som das rudes cantadas dos carreiros.

Os escravos mostravam-se todos alegres e vaidos, os da sua roupa nova e limpa, e atentos ao trabalho da moagem, que repelia a cana para o plantio, no som das rudes cantadas dos carreiros.

Um sacerdote ajoelhou-se junto do altar, e entou uma ladainha, respondida não só pelas senhoras e amigos de Cristiano, mas ainda por todos os escravos.

Depois o padre ergueu-se repetindo as orações adequadas, benzeu, uma por uma, e aspergiu com água benta todas as canas e peças da fábrica, convidando por pedir a proteção do Altíssimo a favor do fazendeiro e da sua nascente lavoura.

Quando o ato religioso, Cristiano deu a voz para o começo da moagem.

As bestas já estavam presas no seu posto, e as almanjarras, que deviam ser ocupadas pelos escravos, foram de improviso conquistadas por Americo Camilo, Frederico e outro manco.

Benedito ofereceu, em uma saca de prata, um feixe de três mimosas canas, presas com laços de fita, a Adriana, para que ela fosse a primeira a dar as moendas o seu frutuoso alimento.

Cristiano, trazendo nos braços uma grande bandeja, cheia de outros iguais feixes, de canas, os fol oferecendo e reparando pelas senhoras, que se colocaram à distância, convenientemente, para suceder a Adriana junto das moendas.

— Vamos! bradou Cristiano.

Os quatro mancoes tocaram as bestas, e, ao som de alegres cantos, começaram elas a trabalhar.

Adriana estendeu os braços e entregou o seu feixe de canas às moendas; depois dela vieram as outras senhoras fazer o mesmo, e o precioso caldo começou a correr no meio dos aplausos de toda a sociedade.

Alguns momentos depois, as senhoras entregaram o cuidado das moendas, e os mancoes as almanjarras, aos escravos desejando de tomar o seu lugar.

A sociedade dividiu-se, então, em diversos grupos: uns passavam conversando no longo da extensa varanda, que desdobrava toda a fábrica, ou, debruçados sobre o parapeto, acompanhavam o movimento do engenho, seguindo com os olhos os escravos que corriam do picadeiro para as moendas, levando sobre os ombros pesados feixes de canas, enquanto outros carregavam para fora os montes de bagaço resultante das canas já moídas.

Alguns examinavam as caldeiras e a fornalha dentro da qual crepitava a lenha que se queimava.

Outros visitavam a caixa de

encaixe, observavam o tanque do mel e a casa dos alambiques.

Dominando todo o ruído das conversações alegres que a cada canto se travavam, as canções agrestes mas melancólicas dos escravos que ocupavam as almanjarras, se entonavam, umas depois de outras, no seio do engenho.

A alegria radiava em todos os semblantes e a esperança no coração do fazendeiro.

Enfim! enfim!... exclamou este depois de duas horas de trabalho da fábrica; enfim, eis aqui as massas da nossa moagem!

E dizendo isto, mostrava triunfalmente um criado, que o acompanhava, trazendo nos braços uma bandeja.

E logo, com tal efusão de prazer, que todos lho estavam lendo nos olhos, começou a oferecer a seus hóspedes taças de vinho de cana, que acabava de sair fervendo da taxa.

— "Vicentina" — 3.ª ed. Garnier — Tomo II, pág. 56.

O Passeio Público em 1783

Penetratei agora no seio do jardim.

Uma rua principal nascia à entrada do Passeio e ia morrer entre duas pirâmides e diante duma pequena cascata, de que logo falarei, deixando bem no centro do jardim e no meio do seu correr um limitado terreiro, quase circular, com quatro bancos de pedra separados por ela e por mais duas ruas laterais, que vinham abrir-se no mesmo terreiro.

Diversas outras ruas largas e bem construídas concorriam com aquelas para dividir-se o passeio em massas de forma regular, cercadas por gradaria de taboas e ostentando o taseiro de mimosos e floridos arbustos e a vegetação tropical, representada por árvores que haviam de ser corquintas e frondosas e que teriam de oferecer sombra e frescor ainda nas horas calmosas do dia.

Ao tocar a rua principal o ponto que a terminava, um largo espaço se fazia ver, e daí duas mesas de pedra abrigavam-se debaixo de um teto de jasmim, e adiante delas, e um pouco mais para o centro, mostravam-se dois pequenos lagos artificiais, do meio de cada um dos quais erguia-se uma pirâmide de cantaria, que de cada face de sua base deixava correr uma pena d'água com doce murmúrio. Paralelos às margens dos lagos havia bancos de pedra.

Uma das pirâmides tinha a inscrição "A Saudade do Rio", a outra "Ao Anor do Público". Quem sentia a saudade e quem se lembrou do amor de público a que foram consagradas as duas pirâmides, não me é dado dizer.

Alguns passos além das pirâmides e próximo à rua principal levantava-se um outeiro artificial, vulgarmente chamado cascata, e que era ali o mais belo triunfo do mestre Valentim.

O outeiro fora todo formado de pedras sobrepostas como no acaso, mas com admirável efeito, rebentando de entre elas ervas e arbustos apropriados; algumas aves graciosas, felas de bronze, pousavam sobre as pedras e soltavam dos blocos água cristalina, que se precipitava mais murmurante que ruidosa; quase na base do outeiro dois jacarés também de bronze, parecendo recrear-se entrelaçados

A vila de Itaboraí, cabeça de uma das comarcas da província do Rio de Janeiro, está assentada sobre uma graciosa colina, pouco elevada, mas em situação tão feliz que do alto dela se domina e aprecia o mais belo quadro da natureza campestre. Por qualquer lado que se dilatam, os olhos se esquecem embebedos em imensos vales semeados de campos e estabelecimentos agrícolas, fazendas e sítios, e montes isolados; e, enfim, ao longe, muito ao longe, a serra dos Orgãos alcinçada e imensa, remata esse painel magnífico, levantando uma trincheira que se perde nas nuvens, diante do olhar cubitoso e insaciável.

Formosa pela sua posição, a vila, pequeno povoado que consta de pouco mais de cem casas, oferece uma edificação pouco regular e, sem dúvida, defeituosa, como todas as cidades, vilas e povoações que tiveram seu princípio no tempo colonial; entretanto, ela se distingue por alguns edifícios, relativamente dignos de menção; a sua igreja matriz é uma das melhores e mais espaçosas da

provincia; possui uma casa de câmara municipal muito decente, uma casa de mercado, um teatro, e, entre as principais habitações particulares, a mais importante de todas, a casa em que se hospedaram el-rei Dom João VI e o sr. D. Pedro II, quando visitaram este ponto da provincia.

Uma grande praça, formando semicirculo em torno da matriz, e quatro ruas quase fronteiras umas das outras, comunicando com a praça, compõem a vila de Itaboraí.

Dessas quatro ruas, uma tomou o nome do orago da paróquia: chama-se de S. João e é nela que se levanta a Casa do Mercado; a segunda, tem um nome triste, chama-se do Cemitério; porque, descendo-se por ela, pobre rua sem casas, chega-se ao asilo dos mortos, ao cemitério da vila, que prima pela decência e pelo zelo com que é conservado.

A terceira rua fica fronteiria à de São João, embora de uma não se aviste a outra, porque a matriz o impede: chamava-se outrora a do Senhor do Bom Fim e chama-se agora do Teatro; porque este edificio, tendo a sua frente para a praça, oferece uma das suas faces laterais à rua que desce até terminar junto da capela do Senhor do Bom Fim, cortando em dois ângulos retos outra pequena rua, que não mencionei por constar de cinco ou seis casas apenas, e que toma o nome de Senhor do Bom Fim. Defronte da porta lateral da capela há uma casa com um limitadíssimo pateo, que eu não posso deixar de lembrar.

Essa casa foi, há perto de quarenta anos, um pequeno teatro, e ali encetou a sua gloriosa carreira artistica o primeiro ator dramático brasileiro, o célebre e inspirado fluminense, João Caetano dos Santos.

Essa casa foi, há perto de quarenta anos, um pequeno teatro, e ali encetou a sua gloriosa carreira artistica o primeiro ator dramático brasileiro, o célebre e inspirado fluminense, João Caetano dos Santos.

Essa casa foi, há perto de quarenta anos, um pequeno teatro, e ali encetou a sua gloriosa carreira artistica o primeiro ator dramático brasileiro, o célebre e inspirado fluminense, João Caetano dos Santos.

Essa casa foi, há perto de quarenta anos, um pequeno teatro, e ali encetou a sua gloriosa carreira artistica o primeiro ator dramático brasileiro, o célebre e inspirado fluminense, João Caetano dos Santos.

Essa casa foi, há perto de quarenta anos, um pequeno teatro, e ali encetou a sua gloriosa carreira artistica o primeiro ator dramático brasileiro, o célebre e inspirado fluminense, João Caetano dos Santos.

Um celebre poeta polaco, descrevendo em magníficas versos uma floresta encantada do seu país, imaginou que as aves e os animais ali nascidos, se por acaso longe se achavam, quando sentiam aproximar-se a hora da morte, voavam ou corriam e vinham todos expirar à sombra das árvores do bosque imenso onde tinham nascido.

O amor da pátria não pode ser explicado por mais bela e delicada imagem.

Coração sem amor é um campo árido, quase sempre, ou sempre, cheio de espinhos e sem uma única flor que nele se abra e o amenize.

Haverá somente um homem em quem palpitasse coração tão seco, tão enregelado e sem vida de sentimentos: o homem que não amasse o lugar de seu nascimento.

Depois dos pais que recebem nosso primeiro grito, o solo pátrio recebe nossos primeiros passos: é um duplo receber, que é duplo dar.

As idéias grandes e generosas dilatam o horizonte da pátria; a religião, a lingua, os costumes, as leis, o governo, as aspirações fazem de uma nação uma grande família, e de um país imenso a pátria de cada membro dessa família.

Mas, deixem-me dizer assim, a grande não pode fazer olvidar a pequena pátria; dessa árvore majestosa que se chama a nação, o país, não há quem não sinta que a raiz é a família e o berço pátrio.

Há nesse santo amor uma escala ascendente, que vai do lar doméstico à paróquia, da paróquia ao município, do município à provincia, da provincia ao império: ama-se o todo porque se ama cada uma de suas partes.

Com effeito é impossível negar que, em suas naturais e suavisas predileções, o coração distingue, sempre, em todos os distritos, cidades e diversos pontos do país o torrão limitado do berço pátrio; pobre ou mesquinho, esquecido ou decadente, agreste ou devastado, é sempre amado por nós e sempre grato para nós.

E' por isso e por muito mais, é porque foi meu berço, berço daqueles a quem mais amei e amo, é porque no seu solo tenho sepulturas queridas, é porque desejo ter em seus braços um abrigo na minha velhice que começa, e no seu cemitério um leito para dormir o último sono, é, enfim, por todos esses laços da vida e da morte que a vila de Itaboraí me é tão querida.

(O Rio do Quarto, 2.ª ed., págs. 58).

Joaquim Manoel de Macedo na opiniao de Ronald de Carvalho

Cabe a Joaquim Manuel de Macedo (1820-1893) o primordial lugar entre os fundadores do romance nacional. Foi ele o verdadeiro fixador dos nossos costumes, naquela época ainda colonial na maioria dos seus aspectos. Na imensa galeria das suas personagens há algumas, como a "Moreninha" e o "Moço Louro", que ainda vivem na memória de todos, que ainda tem "presença" real, embora os anos hajam corrido às dezenas, desde a sua ruidosa aparição.

Macedo compreendeu admiravelmente as tendências da nossa alma popular, sentimental e piegas, e fez, com pequenas intrigas ingênuas, à maneira de um Bernardin de St. Pierre atraído e rústico, a sua história íntima e simplória. Chorou e riu largamente, do mesmo modo que as suas melancólicas leitoras; contou as suas anedotas, sem sal nem sangue, com a pachorrenta fantasia de um pacato burguês, funcionário público e chefe de numerosa prole, recatada e limpa. Não desceu à escabrosa sargeta de Aluizio, não penetrou muito menos na consciência dos outros, como fazia Machado de Assis, com aquele seu ar de tímido desiludido e indiferente, nem tampouco se elevou ao lirismo delirioso de Alencar. Ficou entre duas águas, nem muito abaixo nem muito acima. Seus namoricos, são por via de regra, inocentes diversões, não passam do portão da rua, ou, quando passam, acabam em casamento, com todas as formalidades de um noivado honesto, vigiado por irmãs solteironas e tias velhas.

Macedo não amava os escândalos, nem os crimes sensacionais: sua pena n'nda tinha pudor, era sossegada, bonachelrona e entólica. Seus atermimentos não iam além de algumas considerações cheias de bom senso vulgar e prático, desse bom senso apañado das "pessoas de experiência", que se vingam da velhice achacada e viciadíssima dando conselhos, contrariando vontades, rabufando e praguejando contra as "inovações", as "modas audaciosas" e "desmoralizadoras"...

Nesse terreno ele sabia pisar como ninguém. Se nos permittem a expressão, foi Macedo um escritor de sala de jantar, do recesso da família brasileira, séria e sisuda, amiga de uns tantos preconceitos, muito mais louváveis, aliás, do que esse filonioso perigoso, posto em prática por certos casquilhos "fin de siècle", pedantes e amorais.

Seu estilo, a não se rna poesia enfática e palavrosa, é correntio, agradável, flue serenamente, é vivo e leve. Falta-lhe apenas um certo colorido, mas é sempre correto no desenho das criaturas e na descrição das paisagens, posto lhe não seja castiga a digão.

UMA OPINIAO DE SILVIO ROMERO SOBRE MACEDO

Os primeiros produtos do gênero (prosa) devidos a Magalhães, Teixeira e Souza e Macedo, são hoje completamente ilegíveis, por serem escritos no estilo mais pesado, chato, incorreto, incolore, que é possível imaginar. O próprio Macedo, que no teatro revelou algum talento cômico, e no romance, que cultivos largamente, algum gosto de observador, não escapa à lei geral do mau estilo da época. Nem ao menos lhe coube a manciara enfática, mas até certo ponto correta, de Magalhães, Porto Alegre, Monte-Alberne, Sales Torres Homem, os melhores escritores nossos da primeira metade do século. O desalinho e a incorreção de Macedo só encontram seus iguais em Teixeira e Souza e Manuel de Almeida.

(Livro do Centenário).

BIBLIOGRAFIA DE J. M. DE MACEDO — (Segundo Arthur Motta)

- 1 — **A MORENINHA** — romance — A. 1.ª ed., segundo Innocencio, S. Blake & M. Fleissas, é de 1844, no Rio de Janeiro, com 255 págs. In 8.º e estampa e música adequadas à balada que Moreninha cantava no rochedo. Nenhum deles menciona a tipografia. A 2.ª ed. é de 1845; 3.ª ed. de 1849; 4.ª da Biblioteca das Damas no Porto, de 1854; 5.ª de 1860; 6.ª, com 318 páginas, 5.ª de 1860. 6.ª, com 318 págs., em Paris, de 1872. Muitas outras têm logrado, não só da Livraria Garnier, como de outras. Há edições populares. A de que me sirvo, no momento em que escrevo o presente estudo, é de 1913, da Livraria Garnier, sem menção do número da edição. É precedida de uma "Notícia", por Antonio Francisco Dutra e Mello, extraída do n.º 24 da "Minerva-Brasileira". Conta XXIII-248 págs.
- Entre as edições populares há a da Livraria Editora de C. Teixeira & Cia. — S. Paulo.
- 2 — **CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOSTALGIA** — tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendida a 11 de dezembro de 1844. — 54 págs. In 4.º — Rio de Janeiro, Tip. de P. Paula Brito.
- 3 — **DISCURSO** proferido ao tomar o grau de doutor em medicina. — Rio de Janeiro, 1845, 8 págs. In 4.º
- 4 — **PARECER SOBRE A INTRODUÇÃO DA VACINA NO BRASIL** — Segundo S. Blake, o autógrafo de 19 folhas, assinado de parceria com Joaquim Norberto de Souza e Silva, pertence à biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- 5 — **O MOÇO LOURO** — romance — Rio de Janeiro, 1845, em 2 tomos; 2.ª ed., Rio, Tip. Brasileira de Maximiano Gomes Ribeiro, 1854, 2 tomos de IX-246 e 272 págs.; 3.ª ed., da Biblioteca das Damas, Porto, 1855-56; 4.ª ed., Rio, Tip. C. A. de Mello, 1862, 2 tomos com 245 e 284 págs.; 5.ª ed., Havre, 1874, 2 tomos com 265 e 293 págs., do editor Garnier. Muitas outras edições têm dado a Livraria Garnier, além de outras editoras, como C. Teixeira & Cia., de S. Paulo.
- 6 — **OS DOIS AMORES** — romance — 2.ª ed., Rio, Tip. F. A. de Almeida, 1854, 2 tomos de 239 e 254 págs.; 3.ª ed., Rio, Tip. C. A. de Mello (editor Domingos José Gomes), 1862; 4.ª ed., Havre, Garnier, 2 volumes. A Livraria Garnier publicou muitas outras edições, como a de 1914. A Livraria Editora C. Teixeira & Cia. (S. Paulo) preparou a edição popular.
- 7 — **AMOR DA GLÓRIA** — hi-no bíblico — Na "Rev. do Inst. Hist.", tomo XI, 1849 (suplementar), págs. 276 e 284. Foi lido na sessão pública de 6-4-1848, para inauguração dos bustos do cônego Januário da Cunha Barbosa e do marechal Raimundo José da Cunha Mattos.
- 8 — **ROSA** — romance — Rio de Janeiro, Editora "Revista Guanabara", sob o título Biblioteca Guanabarensis (Tip. do Arquivo Médico Brasileiro) — 1849, 329 págs. In 4.º; 2.ª ed., Rio, editor Domingos José Gomes Brandão, 1851, em 2 tomos (considerada por Innocencio F. da Silva, como sendo a 1.ª); 3.ª ed., Rio, Tip. Fluminense de D. L. dos Santos, de 1854, 2 tomos de 261-284 págs. In 8.º; 4.ª ed., idem, de 1861, 2 tomos de 260-284 págs. In 8.º; 5.ª edição de Lisboa, 6.ª edição (1.ª de H. Garnier que menciona como sendo a 4.ª edição) é do Rio de Janeiro, H. Garnier, Livreiro-Editor, 1896, em 2 vols. de 279-294 págs. (é a que possuo). Outras edições existem, mesmo da Livraria Garnier.
- 9 — **O CEGO** — drama em 5 atos, em verso — Niterói, 1849, 75 págs. Tip. fluminense, de Lo-
- ris, E. Beilhatte), 1873, VII-400 págs. (é a que figura na minha coleção). Foram publicados anos, como colaboração das seções "Semana" e "Crônica da Semana", do "Jornal do Comércio", de 1855 a 1856.
- 10 — **COBE** — drama em 3 atos, em verso — Rio de Janeiro, editado pela "Revista Guanabara", na Biblioteca Guanabarensis (Tip. do Arquivo Médico Brasileiro) em 1849, 88 págs. Foi publicado, também, na "Revista Guanabara", tomo 2.º.
- 11 — **VICENTINA** — romance — Rio de Janeiro, Francisco de Paula Brito (Tip. Dois de Dezembro), 1853, em 3 tomos em 1 volume; 2.ª edição, idem, 1859, em 3 tomos com 146, 237 e 221 págs.; a 3.ª ed. é da Tip. Franco-Americana, 1876, em 3 tomos de 145, 223 e 210 págs. — A 4.ª edição, que possuo, é do Rio de Janeiro, H. Garnier, Livreiro-Editor, em 2 vols. de 277 e 270 págs., de 1896.
- 12 — **O FORASTEIRO** — romance — Rio de Janeiro, Francisco de Paula Brito, 1855, em 3 vols. Foi simultaneamente publicado na "Marmota", revista do editor. A 2.ª edição, que possuo, é do Rio de Janeiro, B. L. Garnier (Tip. de C. A. Mello), sem data, em 3 tomos de 204, 201 e 230 págs.
- 13 — **A CARTEIRA DO MEU TIO** — romance (viagem fantástica) — Rio de Janeiro, Tip. Dois de Dezembro, de Francisco de Paula Brito, 1855, 2 vols.; 2.ª edição, idem, idem, 1859, em 2 vols. de 117 e 171 págs.; a 3.ª edição é de 1867; a 4.ª (figura na minha biblioteca), em 2 folhetins, é do Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1880, 114-164 págs. Foi publicado na "Marmota Fluminense", desde o n.º 541, de 18-1-1855, até o n.º 644, de 2-11-1855.
- 14 — **O FANTASMA BRANCO** — ópera em 3 atos — Rio de Janeiro, P. de Paula Brito, Tip. Dois de Dezembro, 1856, 150 págs. — A 2.ª edição, que possuo, é de B. L. Garnier (Imp. de Simon Raçon), 1863, 181 págs. com a grafia "o fantasma branco". Acha-se no 3.º vol. do "Teatro" de Macedo. Foi representada pela 1.ª vez a 22-6-1851.
- 15 — **A NEBULOSA** — poema em 6 cantos e 1 epílogo, em versos brancos ou soltos — Rio de Janeiro, Tip. Imp. e Const. de J. Villeneuve & Cia., 1857, VI-293 págs. Possui a nova edição do Rio de Janeiro, H. Garnier, 280 págs., sem data. O poema foi lido em presença de D. Pedro II, a quem o dedicou o autor que mereceu o oficialato da Ordem da Rosa.
- 16 — **O PRIMO DA CALIFORNIA** — ópera em 2 atos, imitação do francês — Rio de Janeiro, Tip. de F. de Paula Brito, 1858, 142 págs. A 2.ª edição é de 1863. Acha-se no tomo 1.º do "Teatro" e foi representada pela primeira vez, em 12-4-1855, por ocasião da abertura do Ginásio Dramático.
- 17 — **O SACRIFICIO DE ISAAC** — drama sacro em 1 ato e 2 quadros, em verso — Saiu em folhetim no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, n.º 111, de 1859. Foi reimpresso em 1893 e figura no tomo 2.º do "Teatro" de Macedo.
- 18 — **DISCURSO** proferido na Assembleia provincial do Rio de Janeiro, na sessão de 13-10-1859 (extraído do "Jornal do Comércio" de 27-10-1859) — Rio de Janeiro, Tip. Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1859, de 58 págs.
- 19 — **LUXO E VAIDADE** — comédia em 5 atos — Rio de Janeiro, Tip. de Francisco de Paula Brito, 1860, 150 págs. reimpressa em 1883 no "Teatro" e representada pela primeira vez a 23-9-1860.
- 20 — **ROMANCES DA SEMANA** publicados por Domingos José Gomes Brandão (Tip. Imparcial de J. M. Nunes Garcia) — Rio de Janeiro, 1861, 378 págs. In 8.º. Ignora a data da 2.ª edição. A 3.ª é do Rio de Janeiro, Liv. B. L. Garnier (Pa-
- so por Minimo Severo — n.º 1 — "Voração", em verso — Rio de Janeiro, Tip. do Imperial Instituto Artístico, 1867, VII-103 págs. Foi oferecido como prêmio aos assinantes da "Semana Ilustrada", sendo declinado o nome do autor.
- 33 — **LITERATURA PANTAGRUELICA** — (Os abstruzes no ovo e no espaço — minúcia de poetas) — Rio de Janeiro, Tip. Progresso, 1868, 32 págs. É publicação anônima atribuída a Macedo, Tancredo de Barros Palva, diz: "Questão Colimbrá", por Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar e Machado de Assis.
- 34 — **A LUNETA MÁGICA** — Romance — Rio de Janeiro, B. L. Garnier (Tip. de João Ignácio da Silva), 1869, 2 vols. de 187 e 205 págs. É um livro de sátira.
- 35 — **AS VITIMAS ALGOZES** — Quadros da escravidão — romances — Rio de Janeiro, 1869, 2 tomos de 347 e 389 págs. (O 1.º vol., é da Tip. Americana e o 2.º da Tip. Perseverança). A 2.ª edição, de que possuo um exemplar, é do Rio, H. Garnier, 1896, em 2 vols. de XV-270 e 307 págs. — São três romances: "Simeão, o creoulão"; "Pai Raloi, o feiticeiro" e "Lucinda, a mucama".
- 36 — **O RIO DO QUARTO** — romance — Rio de Janeiro, 1869, 283 págs. — A 2.ª edição, de que possuo um exemplar, é do Rio, B. L. Garnier (Havre, Tip. A. Lemale Aíne), 1880, 287 págs.
- 37 — **NINA** — romance — Rio de Janeiro, 1869, 2 tomos; 2.ª edição, 1871, em 2 tomos de 203 e 153 págs.; 3.ª edição, sem data, em um volume, é de H. Garnier, com 289 págs.
- 38 — **AS MULHERES DE MANTILHA** — romance histórico — Rio de Janeiro, B. L. Garnier (Tip. e Lit. Esperança), 1870-1871, em 2 vols. de 238 e 215 págs.
- 39 — **REMISSÃO DE PECADOS** — comédia em 5 atos — Rio de Janeiro, A. A. da Cruz Coutinho (Tip. Perseverança) — 1870, 120 págs. Foi representada no Teatro S. Luiz.
- 40 — **A NAMORADEIRA** — romance — Rio de Janeiro, 1870, 3 tomos de 239, 236 e 225 págs., editor Garnier (Tip. Franco-Americana). Há outra edição do Garnier, em 2 vols., (sem data), de 335-367 págs.
- 41 — **UM NOVO E DUAS NOVAS** — romance — Rio de Janeiro, 1871, em 3 tomos de 300, 332 e 258 págs. A 2.ª edição, de B. L. Garnier (Tip. Franco-Americana), é de 1872, em 3 tomos de 300, 242 e 258 págs. (é a que possuo).
- 42 — **OS QUATRO PONTOS CARDEAIS E MISTERIOSA** — romances — Rio de Janeiro, B. L. Garnier (Tip. Franco-Americana), 1872, 348 págs.
- 43 — **CINCINATO QUEBRALOUÇA** — comédia em 5 atos — Rio de Janeiro, B. L. Garnier (Tip. Georges Chamerot), 1873, 177 págs.
- 44 — **NOÇOS DE COROGRÁFIA DO BRASIL** — Rio de Janeiro, 1873 (Tip. Franco-Americana) — 2 tomos de IV-223 e 424 páginas. No mesmo ano, de 1873, foram feitas 3 edições em Leipzig, Imp. de F. A. Brockhaus: uma na língua inglesa, tradução de H. L. Sage; outra no idioma alemão, por M. T. A. Nogueira e Schiffer; a terceira, vertida para o francês, por J. F. Halbout, com 504 págs. e 5 quadros demonstrativos, da qual possuo um exemplar. Max Fleissas refere-se a uma 2.ª edição em língua portuguesa, de 1877, em 1 vol. de 294 págs.
- 45 — **A BARONessa DO AMOR** — romance brasileiro — Rio de Janeiro, Tip. Nacional, 1876, em 2 vols. de 251 e 305 págs. A 2.ª edição também do Rio de Janeiro, de H. Garnier, é de 1896, em 2 tomos de 283 e 337 págs.
- 46 — **VINGANÇA POR VINGANÇA** — drama em 4 atos — Rio de Janeiro, 1877, In 8.º.
- 47 — **EFEMÉRIDE HISTÓRICA DO BRASIL** — Rio de Janeiro, Tip. do "Globo", 1877, 265 págs.
- 86 — **MEMÓRIAS DA RUA DO OUVIDOR** — folhetins semanários, publicados no "Jornal do Comércio" — Rio de Janeiro, Tip. Perseverança, 1878, 332 págs. A 2.ª edição é também do Rio, H. Garnier, 250 págs. (sem data).
- 49 — **MULHERES CELEBRES** — Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1878, 153 págs.
- 50 — **ANTONICA DA SILVA** — burleta em 4 atos — Rio de Janeiro, Tip. da Escola, de Sena-Ilm José Alves, 1880, 28 págs. Foi representada pela primeira vez no Teatro da Phenix Dramática, a 29-1-1880.
- 51 — **UMA PUPILA RICA** — comédia inédita — O original se encontra no Instituto dos Bacharéis em Letras.
- 52 — **ROMANCE DE UMA VELHA** — comédia em 5 atos — Rio de Janeiro, Liv. de Cruz Coutinho, 49 págs. (sem data).
- 53 — **OS DOIS MINEIROS NA CORTE** — comédia em 1 ato — Rio de Janeiro,...
- 54 — **DUVIDAS SOBRE ALGUNS PONTOS DA HISTÓRIA PÁTRIA** — Encontra-se no 25.º tomo da "Rev. Trimestral do Inst. Hist. e Geogr. do Brasil" — 1.º trimestre de 1882, págs. 3 a 41.
- 55 — **TERCEIRA EXPOSIÇÃO BRASILEIRA EM 1873** — relatório do Secretário Geral do Juri da Exposição — Rio de Janeiro, Tip. da Reforma, 1873, 31 páginas.
- 56 — **O ANO BIOGRÁFICO BRASILEIRO** — Rio de Janeiro, Tip. do Imp. Instituto Artístico, 1876, em 3 vols. de 542, 543 e 627 páginas. No mesmo ano e na mesma tipografia, foi publicada a tradução inglesa dessa obra que foi escrita para ser apresentada à Exposição de Filadélfia.
- 57 — **SUPLEMENTO AO ANO BIOGRÁFICO** — Rio de Janeiro, Tip. Perseverança, 1880, 1.º volume (único) publicado, 490 páginas.
- 58 — **O MACACO DA VIZINHA** — comédia — Rio de Janeiro, Livraria Cruz Coutinho, 1875, 56 páginas (publicação póstuma).
- 59 — **VORAGEM** — PAMPELLO — romances — Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 235 páginas (sem data). Fazem parte da Biblioteca Econômica Universal, em pequeno volume de publicação póstuma.
- 60 — **AMORES DE UM MEDICO** — romance — S. Paulo, C. Teixeira & Cia., 223 págs. (obra póstuma).

Joaquim Manuel de Macedo

FILINTO DE ALMEIDA (da Academia Brasileira)

A Academia vai celebrar na próxima quinta-feira, 24, em sessão solene, o centenário do nascimento de Joaquim Manuel de Macedo, que foi, depois de José de Alencar, o mais popular dos nossos romancistas, no período de 1860 a 1880. Quando eu era rapaz toda a gente lia o "Mago Loiro" e "A Moreninha", e as peças de teatro de Macedo eram representadas com frequência, principalmente o "Fantasma branco", de que toda gente sabia de cor as coplas:

"Que talento, o de seu Juca,
Que cabeça de rapaz!"

Dos escritores nacionais da sua geração eu lembro-me de ter conhecido, de vista, apenas três: Alencar, baixo e magro um tanto curvado, barba cerrada, grisalha; este eu o via passar quase todos os dias pela minha porta, nos seus últimos anos, de óculos escuros, sempre de sobretudo e cachê, e a caminho do seu escritório da rua General Câmara; Francisco Octaviano, alto e delgado, muito moreno, pouca barba, óculos de ouro, de sobrecasaca e cartola, elegante e correto no traje; e Macedo, de estatura mediana, grosso, trigo-leito-claro, barba cerrada, grisalha, bigode raspado, — o que lhe dava um ar de capitão português retirado dos negócios, tanto que eu por tal o chamava durante muito tempo; e fiquei deveras espantado quando uma vez me disseram que aquele senhor, que eu frequentemente encontrava na rua do Ouvidor, não era português nem capitão, mas "apenas" o famoso e popular autor da "Moreninha", do "Correio da Baronesa", de "Vicentina", das "Vítimas Alagadas" e das "Memórias da rua do Ouvidor".

Eu um escritor genuinamente romântico nas suas obras de ficção, e um folhetinista ameno e jovial, de prosa fácil, rutilante e clara, sem nenhuma pompa de estilo, sem a mínima utilidade de psicologia, despreocupado de toda observação. Se eu, porém, dizer com bonhomia e graça natural o que queria, seria obrigá-lo a seu leitor a pensar, mantendo-lhe, não obstante, a pluma presa ao interesse da narrativa, sempre singela e plausível, sem um paradoxo, sem uma complicação, de linguagem viva, animada e fluente, com a água de um regato sem pedregulhos, que corre límpida e apenas murmurante entre covas frias e vícosas.

Que tinha muita imaginação, provam-no, além dos seus romances e comédias, as "Memórias da rua do Ouvidor", série de desenhos folhetinistas, publicados no "Jornal do Comércio", e em 1878 reunidos em livro de 332 páginas, lardados de pequenos contos, historietas e episódios românticos, que empõem animação e cor à narração, por vezes ingénua, da história da rua famosa que a pompa da nova avenida Rio Branco não chegou a matar.

Este um livro muito curioso, nimamente interessante para todos que amam a cidade, pois nele rememoram casas e casas antigas, anedotas políticas e "can-cons" do tempo, tanto do período colonial, como do reino e dos dois do império, tipos populares de ambos os sexos e alguns esquecidos perfis de homens da política, da finança, do comércio, da literatura, do jornalismo e das artes.

Fuz muito bem a Academia Brasileira de Letras com celebrar solenemente as datas do nascimento ou da morte dos escritores do passado, que foram em geral simples e bons, dignos da estima da posteridade, mesmo os que não tinham desmarcadas ou grandes fulgurações de talento. Honrando os seus nomes referendo as suas obras, pode a Academia manter vivas na alma do povo a tradição intelectual do país, e estender uma ponte espiritual de fácil passagem entre o passado e o presente, nas regiões da inteligência e do pensamento brasileiro, que são as mais altas e as mais estimáveis da nação.

Estou certo que depois da sessão de quinta-feira, depois de ouvir o elogio de Macedo e da sua obra lido por Laet, Afrânio Peixoto, Coelho Neto e pelo atual ocupante da cadeira que o tem por patrono — Humberto de Campos, muita gente que só conhece Macedo de nome ou de catálogo, irá ler alguns dos seus livros e instruir-se nos costumes da época, que eles fielmente retratam e explicam e que a geração atual desconhece quase completamente; e verificar quão honesto era esse romancista de há quarenta anos, um dos pais do romance brasileiro, que servia as Letras com dignidade e talento, e que tendo sido médico, professor, deputado, escritor e jornalista, não desprezou o trabalho da sua vida, que, ao fim e ao cabo, não era senão a mesma, fructuosa, não possuía um fato preto com que o vestissem para a interminável, definitiva viagem da morte...

("A Noite" — 21-6-1930).

O CAFÉ - Joaquim Manuel de Macedo

Escravos decentemente vestidos ofereciam chávena de café fora do caramanchão; e, apesar disso, d. Carolina se dirigiu com uma para Fabricio, que praticava com Augusto.

— Eu quero fazer as pazes, sr. Fabricio; vejo que deve estar muito agastado comigo; e vou trazer-lhe uma chávena de café temperado pela minha mão. Fabricio recuou um passo e colocou-se à libargia de Augusto; ele desconfiava das tentações da menina; sua primeira ideia foi esta: o café não tem açúcar. Então começou entre os dois um duelo de cerimônias, que durou alguns instantes; finalmente, o homem teve de ceder à mulher.

Fabricio ia receber a chávena, quando esta estremeceu no pires. D. Carolina, temendo que sobre ela se entornasse o café, recuou um pouco. Fabricio, também, o café derramou-se inopinadamente. Fabricio recuou ainda mais com vivacidade; mas, encontrando a raiz de um chorão, que sombreava o cara-

manchão, perdeu o equilíbrio e caiu redondamente na relva. Uma gargalhada geral aplaudiu o sucesso.

— Fabricio espiçou-se completamente! exclamou Filipe.

O pobre estudante ergueu-se com ligeireza, mas na verdade, corrido do que acabava de sobrevir-lhe: as risadas continuavam, as terríveis consolações o atormentavam; todas as senhoras tinham saído do caramanchão e riavam-se, por sua vez, desapiedadamente. Fabricio muito daria para se livrar de apuros em que se achava, quando de repente saltou também a sua risada e exclamou:

— Vivam as calças de Augusto!

Todos olharam. Com efeito, Fabricio tinha encontrado um companheiro na desgraça; Augusto estava de calças brancas, e a maior porção de café entornado havia caído nelas.

Continuaram as risadas, redobráram os motejos. Duas eram as vítimas.

("A Moreninha").

A PEDRA DA MORENINHA

VEIGA MIRANDA

Pode dizer-se, afinal, que a nossa Academia de Letras está definitivamente consolidada como a República. Não há mais sebastianistas, e cessaram os remoqueos contra a "imortalidade". Uma e outra, das nobres instituições, começam agora a dar bons frutos, justificando os esforços dos que as propagaram, afrontando ceticismos e hostilidades. Acham-se preenchidas, no vasto salão do Silogeu, as quarenta prestigiosas poltronas; estão a postos, escalados nos vários cargos administrativos, os mais dedicados dentre esses grandes sacerdotes encarregados de manter o fogo sagrado das nossas Letras, e, a voz de "lachez-tout!", val entrar a máquina, amanhã, em positivo e regular funcionamento.

Os jornais se teem referido sempre ao brilho raudante, à repercussão elegantemente social, das festas da Academia. Longe de mim a temeridade de contestar ou ziquer por em dúvida esse fato. Testemunhei-o, pelo contrário, por algumas vezes, e sob o mais vivo repositio. O que me faltava era convicção quanto à origem, às causas primárias, de tal sucesso. Inclina-me a atribuí-lo a circunstâncias estranhas propriamente ao valor e à significação mental das funções da Academia, porquanto cada uma das festas correspondia à cerimônia de recepção e posse de um novo acadêmico. Ora, sendo assim, a influência desse novo elemento, na sua relação, a curiosidade em torno de uma estreia muito concorrida para o êxito da solenidade, sob o ponto de vista da assistência, desde os convidados "en habit", até nos paléto sacos.

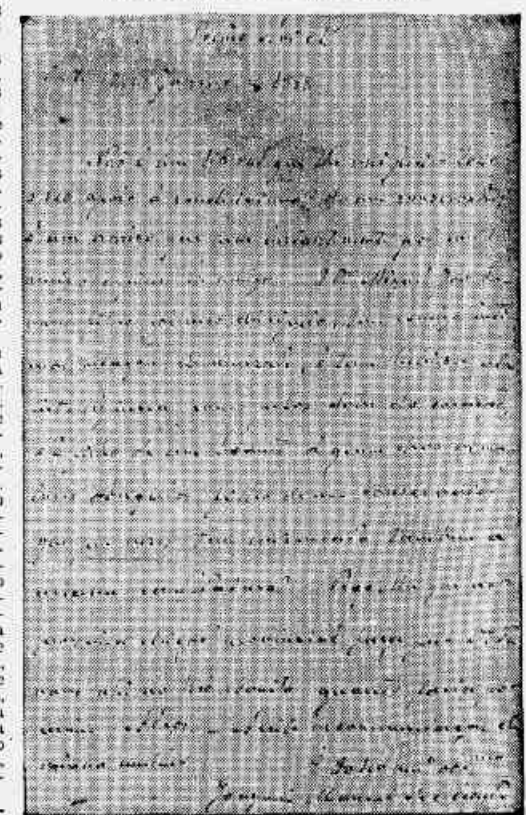
Não creio, aliás, que a questão do vestuário, principalmente masculino, impressione a Academia. Não podemos ter aqui as veleidades aristocráticas que ainda conserva, em resultado da tradição, a Academia Francesa. O jactatório ou o fraque ouvirão, talvez, com muito maior entusiasmo, as dissertações beletísticas do que muita casaca de "nouveau-riche".

Suponho, pois, que, quando se referem ao brilho das festas na ala esquerda do Silogeu, os cronistas abstraham, até certo ponto, da exterioridade "traje" para atender a condição de receptividade mental do auditório. E é, naturalmente, sob esse prisma analítico que eu deeto confrontar o êxito das sessões futuras, sem o atrativo de "fardão" neófito, com a clássica vitória de galanteria em que redundavam invariavelmente as outras.

O sazu de quinta-feira, que considero a primeira demonstração pública da Academia, completa, em trabalho normal, tem um cunho extremamente simpático. Celebrará o centenário de Joaquim Manuel de Macedo. Esse escritor foi, como Alencar, extremamente querido e popular, apresentando, sob faces curiosas e interessantíssimas, a sociedade do seu tempo. Cronista imaginoso e fulgurante, como nas Memórias da Rua Ouvidor e nos Romances da Semana, quando o folhetim em "roda-pés" era o maior atrativo das folhas; comedião vivo e formidável dramaturgo, lançando ao tablado alternadamente fontes copiosas de risos ou de lágrimas, como Cincinato Quebra-louca e A Torre em concurso, entre as primeiras, e Fantasma Branco e Luxo e Valdeia, entre as segundas; o que ele sobretudo deixou foi um sereno e romântico testemunho dos costumes seus contemporâneos. Não que seja um observador tenaz de figuras e aspectos, decalcando-os em minuciosas descrições; antes, desdenha esses pormenores, sem a faculdade, sequer, de aprender aqui ou ali certos tons e particularidades que tantas vezes elucidam e definem uma época. Os seus livros são diálogos extensos, reflexos da habilidade do escritor

Correspondência de escritores:

Carta de Joaquim Manuel de Macedo a um amigo



Meu amigo e irmão
Petro, 12 de Janeiro de 1883.
Não é um liberal que lhe vai pedir todo o seu apoio à candidatura de um conservador; é um amigo que pede instantemente por um amigo e filho de amigo. — O dr. Miguel José Tavares filho foi meu discípulo, tem comido íntimos relacionamentos de amizade e não distinto pela inteligência como pelos dotes de coração, e é filho de um homem a quem devo os maiores obsequios, filho de um conservador que "por vezes" tem contido também a minha candidatura. Peço-lhe que na próxima eleição provincial vote pelo dr. Tavares ao Rio Bonito quanto faria por mim. Adeus. — Agradeço as recomendações de minha mulher.

E do seu amigo obrigadíssimo.

Joaquim Manuel de Macedo

teatral em compor cenas e cenas, dando preferência à fisionomia moral das personagens, despreocupado de qualquer esboço físico. Quando, nas suas novelas, se faz pintor, é para deixar um retrato muito vago, vulgaríssimo de traços, ficando ao encargo do leitor criar, para uso próprio, o tipo dos seus heróis ou das suas heroínas.

Ainda assim, ou talvez mesmo por causa dessa inaptidão, Macedo deixou nas nossas letras uma galeria encantadora de "melindrosas" do meio século passado: Rosa, Nina, Honória, Erica, Rachel e, a mais célebre de todas, a "Moreninha". E é através das diábruras dessas meninas travessas, no decorrer de frívolos incidentes de namoros com estudantes sonhadores, como Augusto, ou desrutáveis, como Firmiano, que o panorama geral da época se distende, sugerido no entretear das conversações e, aqui e acolá, vislumbrando entre pesadas dissertações morais em que sermoniza o autor.

Seria curiosíssimo um paralelo entre as lindas criaturinhas de 1850 e as de hoje, sendo fácil demonstrar que a evolução sofrida pela nossa menina elegante nesses sessenta ou oitenta anos não justifica absolutamente a implicação campanha que se tem aberto ultimamente contra a "senhorita" modelo vigente. Esse assunto, será, talvez, objeto de uma outra crônica, sendo certo que a sua explanação, rigorosamente, só em um livro de trezentas páginas se comportaria.

Dentre as facetas raparigas das novelas de Macedo, a verdadeiramente imortal pela popularidade é a "Moreninha". Quem tenha, ao atravessar a baía do Rio de Janeiro, deitado com a pitoresca ilha de Paqueta, ouça de certo algum

companheiro da viagem apontar a outro, na praia isolante, um rochedo, quase a pique sobre as ondas, dizendo: "Olhe a pedra da Moreninha". E, ao percorrer a ilha, sugestiva e poética, recebe de todos os "cacheleros" "eletroni" a mesma informação. É a curiosidade de Paqueta a pedra da Moreninha. Todos se lembram, naturalmente, da lenda da formosa Tamola, narrada pela velha d. Ana a Augusto: — Ah, apaixonada pelo guerreiro Aotín, ia esperá-lo, de pé sobre o rochedo, cantando... E a Moreninha, trêfega e romanesca, dá para ao vivo, parodiando a lenda. É a visão alvissima que às madrugadas domingueiras, aguarda a aproximação do namorado, entoando a ballada felleira:

Eu tenho quinze anos
Eu sou morena e linda!

Está publicado o programa com que amanhã (24) a Academia de Letras e a Associação de Imprensa solenizarão o centenário do nascimento de Joaquim Manuel de Macedo. Discursos, conferências, sessões literárias... Ninguém se lembrou de uma romaria à pedra lendária, na suave e encantadora Paqueta.

Por que não havemos de cultivar esse lado material das tradições, prendendo o mais possível a comemoração dos fatos aos aitos que deles se tornam as últimas evocações? Como seria encantadora, por exemplo, junto à pedra da Tamola Ah, uma festa de moças e meninas, recordando os amores de Carolina, as suas atitudes trêfegas e romanescas, a sua inocente precocidade feminil!

Está escrito, porém, que nos programas dos "Centenários" a melhor parte é aquela que fica desprezada...

(Correio Paulistano, 24-6-1920).

O teatro de Macedo - (Trecho de estudo) - Machado de Assis

O sr. dr. Macedo goza hoje de reputação de poeta cómico; é uma das mais belas ambições literárias. Mas até que ponto é legítima essa reputação? Sem contestar ao sr. dr. Macedo o talento da comédia, é nosso dever sêth-lo, e, se a palavra não é imodesta, aconselha-lo. O autor da "Torre em concursa", arrastado por uma predileção do espirito, pode não atender para todas as condições que exige a poesia cómica; é fora de dúvida que lhe são familiares as grandes metódes da comédia; mas a verdade é que, possuindo valiosos recursos, o autor não os emprega em obras de superior qualidade. Até hoje não penetrou no domínio da alta comédia, da comédia do carácter; nas obras que tem escrito, atende sempre para um género menos estimado; e, se lhe não faltam aplausos a essas obras, nem por isso assestou ele em bases seguras a reputação de verdadeiro poeta cómico. Evitemos os circunlóquios: o sr. dr. Macedo emprega nas suas comédias dois elementos que explicam os aplausos das platéias: a sátira e o burlesco. Nem uma nem outra exprimem a comédia.

A "Torre em concursa" define e resume perfeitamente as tendências cómicas do sr. dr. Macedo; demais, o próprio autor limitou as suas aspirações definindo essa peça como comédia burlesca. "O Fantasma Branco" se não confessa as mesmas intenções, nem por isso escapa de si o carácter da "Torre em concursa". Finalmente, o "Novo Othello" tem em apoio da nossa apreciação. No "Luzo e Valdeol" houve um tentamen cómico; mas, aí mesmo, logo ao abrir do primeiro acto, entra em cena o burlesco debaixo da figura de um criado e de uma professora. Somos justos; o autor não pretende dar as suas peças como verdadeiras comédias; o burlesco é tão franco, a sátira tão positiva, que bem se vê a intenção do autor em reconhecer-lhes apenas o carácter de sátiras e burlescas. Ora, é exatamente essa intenção que parece condenável. Dotado de talento, estimado do público, o sr. dr. Macedo tem o dever de

educar o gosto, mediante obras de estudo e de observação. Se não vissemos no autor do "Fantasma Branco" elementos próprios para cometimentos desses, outra seria a nossa linguagem; mas o sr. dr. Macedo possui o talento cómico; não está patente nas suas obras, mas adlha-se; pode, pois, se quiser, renunciar às facies pláticas da sátira e do burlesco, e entrar na larga vereda da comédia de costumes e de carácter. Em relação aos costumes e aos vícios, que podem significar o "Torre em concursa" e o "Fantasma Branco"? A primeira destas comédias foi representada há pouco tempo e está fresca na memória de todos; é um quadro burlesco, uma caricatura animada de costumes políticos. Confessamos no protespicio a natureza da composição; o autor abre a sua mesa um caminho fácil nas trinças do dia, mas impossibilita as glórias duráveis. Se o burlesco pudesse competir com o cómico, o "Ladolet" de Scarrot calta ao pé das "Mulheres letreadas" de Molière. Mas não acontece assim; a comédia e muito boa fidalga; repugnante estas alianças; pode transformar-se com os tempos, desnaturalizar-se e que não. Isto que todos reconhecem, e o próprio sr. dr. Macedo compreende, devia produzir no animo do autor da "Torre em concursa" um efeito salutar. E' certo que, nesse caso, o autor tinha de pedir ao tempo, ao estudo, à observação e à poesia, as materias das suas obras; mas os resultados desse esforço não haviam de compensa-lo?

O burlesco, embora suponha da parte de um autor ce lo esforço e certo talento, é todavia um meio fácil de fazer vir as platéias. A própria "Torre em concursa" fornece-nos uma prova; desde que se levanta o pano, os espectadores riem logo as gargalhadas; assiste-se à leitura de um edital. Que haverá de cómico em um edital? Nada que não seja o esforço da imaginação do autor; é um edital burlesco, redigido na intenção de produzir efeito nos espectadores; a fantasia do autor tinha campestre vasto par redi-lo como quisesse, para acumular as expres-

sões mais curiosas, as cláusulas mais burlescas. Se o autor quisesse cingir-se à verdade, levaria em conta que o escriptor Bapstino, homem de bom senso e até certo ponto esclarecido, como se vê no correr da comédia, não podia escrever aquele documento. Mas é muito apelar para a verdade tratando-se de uma obra que se confessa puramente burlesca. Assentado isto, o texto da peça desenvolve-se sob o acão da mesma lei; o autor declara-se e mantém-se nos rastos limites de uma perfeita inverossimilhança. Como exigir que as pretensões amorosas da rica Anna, os seus cumes e os seus furros, apareçam ao público, não como uma caricatura, mas como um ridículo? Se pretendéssemos isto, se exigéssemos a naturalidade das situações, a verdade das fisionomias, a observação dos costumes, o autor responder-nos-ia vitoriosamente que não pretendes escrever uma comédia, mas uma peça burlesca. Duidamos, porém, que possa responder com igual vantagem quando lhe perguntarmos por que motivo, poeta de talento e futuro escriptor de uma obra que não é de poeta, nem acrescenta a menor lustre ao seu nome.

Acceptando a peça, como ela é, não há negar que as influências políticas da "Torre em concursa" são de boa salira. Sátira burlesca, é verdade. Nada menos cómico que aquela mecessão de cenas grotescas; mas, através de todas elas, não se perde a intenção satírica do autor; a falta dos partidos, a eleição, a fraude política, a intervenção de Anna, tudo isso forma um quadro, onde, á miséria de cunho poético, sobram as tintas carregadas, acumuladas no intuito de criticar os costumes políticos. Não é portanto a ideia da peça que nos parece condenável; é a forma. A mesma ideia vazada em uma forma cómica produziria uma composição de merecimento. O juiz de paz João Fernandes, sem força nem carácter, levado alternativamente ora pela irmã, ora pelas influências eleitorais, tem um que de cómico; mas, reduzido a estas proporções, saia fora do círculo que o autor se traçou, e não produziria o desejado efeito nas platéias. Que fez pois o autor? Deu-lhe proporções burlescas, e as cenas do edital escrito nas costas, do peido dos partidos para possuí-lo, da cláusula do casamento, tudo isso retirou a figura do juiz de paz o cunho original e cómico.

Esta comparação pode ser reproduzida em relação a uma parte dos personagens; mas basta uma para definir o nosso pensamento. Não fazemos análise, apreciamos em sua generalidade as comédias do sr. dr. Macedo. O "Fantasma Branco" não se confessa comédia burlesca, como a "Torre em concursa"; mas aí mesmo o burlesco é o elemento principal. Enfatizando, sem que se prestasse a uma alta comédia, o "Fantasma Branco" podia fornecer tela par uma obra de mais alcance; o defeito é o mal está em que o autor cede geralmente a tentação do burlesco, desnaturalizando e comprometendo situações e caracteres. A covardia e o fanfarronice do capitão Tibério, as rufagens de Galathea e Basílio, a rivalidade dos dois rapazes, as entrevistas furtivas de Maria e José, podiam dar observações cómicas e cenas interessantes. Para fazer rir não precisa empregar o burlesco; o burlesco é o elemento menos culto do riso.

Se fosse preciso resumir por meio de uma comparação a profunda diferença que há entre o traço cómico e o traço burlesco, bastaria aproximar um lance de mestre de um lance do "Torre em concursa". Há nesta peça uma cena de boa observação política; é quando Baptista, em virtude de uma descor-

teza de Paschoal, que é a bandeira do partido amarelo, passa para os fileiras do partido vermelho. "Insolente, diz Baptista, não respalda? Um chefe do seu partido? Este dito e esta passagem tinham completo o traço; havia alguma coisa de cómico; mas Baptista não se abandona as suas fileiras senão que moraliza o acto: "Poço o que muitos teem feito; arranjo a vida; estou passado". Esta maneira de reprimir a observação cómica, tira-lhe a energia e o efeito; cala na sátira; já não é o personagem, é o autor quem exprime por boca dele um juizo político. Ora, quando se encontra em uma comédia um desses traços felizes, o cuidado do poeta deve aplicar-se em não desnaturalizá-lo. Vejamos como o grande mestre procedia em casos a este successo: Harpagon chama-se um dia roubado; o cofre dos seus haveres desapareceu do lugar em que o avarento costumava guardá-lo; todos sabem que cenas do desespero seguem a este successo; Harpagon chama a justiça; trata-se de saber onde para o cofre; não é um cofre, é a alma de Harpagon, que se perdeu; o infeliz corre de um lado para outro, e, nessa labirinto, repara que há na sua diara relas acesas; apaga magicamente uma delas. Morriacé involuntário, natural, cómico; mas feito isto Harpagon não diz palavra, porque a sua ideia fixa é a perda da fortuna. Pelo sistema do autor do "Fantasma Branco", Harpagon não deixaria de dizer a porteiros: "Dias relas! que estrago! e de mais!"

Citando o exemplo de Molière, não é nossa intenção exigir do sr. dr. Macedo arrojados improvisos; apenas apontamos ao distinto autor do "Cego" as lições da boa comédia, a manei- ra artística de reproduzir as observações cómicas, evitando anulá-las por meio de torneios, de frases e considerações aciosas; procurando enfim excluir-se da cena, onde só devem ficar os personagens e a situação.

O autor da "Fantasma Branco", como fica dito, sacrificia muitas vezes a verdade de um carácter para produzir um efeito a uma situação; isto no drama, isto na comédia. Exemplo: os dois filhos do capitão Tibério são rivais, de amor; pretendem ambos a mão da prima Mariquinhas. Daqui origina-se um duelo; mas ambos são tão covardes como o pai, o provocador arrepende-se, o outro chega-se como para um patibulo; o duelo é marcado para a noite, na montanha do fantasma; ambos teem a ideia simétrica de esconder-se no vão da escadaria. É uma cena de partes em que cada um deles mostra o receio de ser morto pelo outro; esbarram-se, caem, pedem desculpas mutuamente, e os espectadores riem as gargalhadas; mas o que torna esta cena forçada, impossível, sem cómico algum, é que ela destrói inteiramente o carácter dos rapazes. Se eram covardes, embora fossem obrigados a aceitar a ideia do duelo, em vez de tirarem para o terreiro, era natural deixarem-se ficar em casa, até pela consideração de que a noite não é hora dos duelos. Um deles faz esta reflexão: "Se ele não subir a montanha, nem eu; e amanhã digo que o estive esperando toda a noite". Ora, estas palavras são exatamente a critica da cena. Para dar aquela desculpa, Francisco nem precisava sair de casa; um quarto era lugar mais seguro que o vão da escada. "Estão quase não quase, diz Antonio, deixando-me ficar deitado; pois o malvado fratricida não podia matar-me sem me dar o incómodo de subir a montanha?" Não somente a cena é forçada, sendo que os próprios interlocutores incumbem-se de fazer-lhe a critica.

A rivalidade de Galathea e Basílio, que podia fornecer algumas cenas cómicas, e algumas traços de costumes, degenera em uma troca de palavras grotescas, de apostrofes singulares, sem resultado algum. Do mesmo genero e a cena em que os dois rapazes fazem a declaração a Mariquinhas; o amor de Francisco reduzido a fôlo accusatório, é uma ideia que não ma pelo burlesco, mas não pertence ao domínio da comédia. E, todavia, misturamos o sr. dr. Macedo podia fazer daquela peça uma coisa melhor, mais séria, de mais digno alcance. Dizem-nos que o "Fantasma Branco" foi escrito sem a intenção da cena; isto poderia ser uma atenuante, se o autor não houvesse mostrado em outras peças quasi são as suas preferências em teatro. A leitura da edição do "Fantasma Branco" e da "Torre em concursa" leva para deixar ver que as preferências merecem o justo reparo da critica. Nada diremos do "Novo Othello" que remete ao pequeno quadro, o genero da comédia do sr. dr. Macedo, e bem assim, a imitação da "California". "Amor e guerra" é um ligeiro drama num acto e quanto ao "Sacrificio de Isaac", quadro biblico, compõe-se de alguns versos harmoniosos sobre a temida hebreica.

Tal é o leuio do sr. dr. Macedo, talento dramático que poderia encher a biblioteca municipal com obras de pulso e originalidade, abandonando a busca dos efeitos e dos aplausos do dia; talento cómico que não penetrou na esfera da comédia e deixou-se levar pela sedução do burlesco e da sátira teatral. A boa comédia, a única que pode dar-lhe um nome, talvez menos ruidoso, mas com muito mais segredo, essa não quis praticá-la o autor da "Torre em concursa". Foi o seu erro. Acompanhar as alternativas caprichosas da opinião, sacrificar a lei do gosto e a lição da arte a esquecer a nobre missão das musas. Da parte de um tirano, seria coisa sem consequencia; da parte de um poeta, é condenável.

Atenderá o sr. dr. Macedo para estas reflexões que nos inspira o amor da arte e o vivo desejo de vê-lo ocupar no teatro um lugar distinto? Não lhe perjuemos a esperanca; o autor do "Fantasma Branco" chegou a idade de cultivar a comédia; o estudo da vida e o estudo dos padrões que o grande nos legou, levá-lo-á sem dúvida aos sérios cometimentos do drama, de que nos deu alguns lampejos, pode também receber das suas mãos formas puras e coradas. Mas para atingir a tais resultados, empurrar a abandonar o antigo caminho e os meios usados até hoje. Se já escreveu páginas que realmente o honram, não faz ainda tanto quanto a nossa bela patria tem direito de exigir-lhe. Não se tarde para produzir obras que o fôr aos cinquenta annos que o autor da "Metromania" compõe esse livro admiravel, e o sr. dr. Macedo ainda está muito longe da idade de Píron. A "Metromania" salvou a reputação arruinada do poeta francês de um esquecimento infeliz; o exemplo histórico que deve estar presente á memória de todos os poetas.

Fomos francos e sinceros na análise das obras do sr. dr. Macedo; assim como condemnamos as suas comédias e uma parte dos seus dramas, assim apontamos, em tempo conveniente, as obras realmente nobres do autor da "Moreninha"; se em ambos os casos estamos em erro, é dever dos competentes guiar-nos á verdade.

8 de maio, 1856.



Retrato da maturidade de Joaquim Manoel de Macedo



Retrato de Joaquim Manuel de Macedo, em Ilhorai, cidade de seu nascimento

Joaquim Manuel de Macedo, na apreciação de José Veríssimo

Cronológica e literariamente, Macedo pertencera à primeira geração romântica. Era um genuíno produto daquele momento e meio literário, e foi na sua plena vigência que estreou nas letras, iniciando do mesmo passo com Teixeira e Souza o romance, e com Martins Pena e Magalhães o teatro brasileiro. Escritor mais espontâneo como, executado presentemente o sr. Coelho Neto, não tivemos outro Macedo, aliás, sem jamais progredir, nem variar, ultrapassou a sua época e foi ainda o mais abundante dos produtores da segunda geração. Sem falar dos seus livros de história ou de crônica e numerosos escritos políticos e literários dispersos em jornais e revistas, tudo geralmente insignificante, não da fase ocupada por esta geração (1830-1870) os *Romances da Semana*, *O culto do dever*, *A luneta mágica*, *As vítimas algezes*, *Nina*, *As mulheres de mantilha*, *A namorada*, *A baronesa do amor*, para não citar senão os, ao menos pelo tom, mais consideráveis. E no teatro, excetuando o *Cego*, que é de 1849, é de lá mesma fase toda a sua abundante literatura dramática. Mas quer no romance, quer no teatro, Macedo não fez mais ainda na véspera ou já em pleno dia do naturalismo que continuar, por inércia, o movimento adquirido com a primeira geração romântica. Esta imobilidade, que não basta à inspiração social de "Vítimas algezes", e de alguma sua peça de teatro, para desmentir, decididamente o fixa neste geração, sem embargo dele ter vivido, e sempre escrevendo, até 1882. Nem a concepção do romance ou do teatro, nem o estilo de Macedo, variaram nunca o seu conceito primitivo de uma história inventada e recontada com muita poesia, ou o que ele cria tal, para comover a sentimentalidade do leitor ou do ouvinte, com o fim de o edificar moralmente. Com este conceito, que foi o de todos os nossos românticos, sem engenho que o revelasse, a sua obra é, do puro aspecto literário, de sómosos valia. Há nela, porém, alguma coisa que a levanta e faz viver da vida mesquinha que ainda tem: primeiro a sua sinceridade, a sua ingenuidade na representação do primeiro meio século da nossa existência nacional, segundo a alegria que há nela, e que agradavelmente destaca da estranha tristeza de todos os seus companheiros de geração. Como quer que seja, ele tem, sem grande riqueza e força aliás, imaginação e facilidade. Como autor de teatro foi talvez o que melhor o soube fazer aqui. O desleixo com que geralmente escreveu, se não também pensou as suas obras, prejudicou-as consideravelmente em o nosso atual conceito. Mas os seus defeitos de concepção e de forma, a que somos hoje nitidamente sensíveis, não afrontavam os seus contemporâneos, dos quais foi um favorito. Ainda hoje é dos nossos romancistas mais lidos, se bem que às escondidas e em segredo. E é o que tem sido mais repetidamente editado. E Taunay, que estava já na terceira geração, dedicando-lhe o seu romance "A mocidade de Trajano", como a um mestre, apenas exprimi o sentimento de comum apreço pelo operoso e divertido escritor.

(*"História da Literatura Brasileira"*)

FALANDO AO CAVALO - Joaquim Manuel de Macedo

Sai da mesa com a barriga cheia, e com a alma cheia: duas enchentes que realizam a beleza humana neste mundo.

Estômago e alma pediam-me tempo para digerir a alimentação recebida: sob o pretexto de despachar um portador que fosse procurar na estalagem a *Carteira de Meu Tio*, separei-me da companhia; despachei o próprio, e por distração fui observar como estava depois daquela viagem de quatro dias (dois de ida e dois de volta), o *ruço-queimado*.

Atravessando o terreiro, todos os escravos me tomaram a bênção com sinais de requintado respeito; os cães da casa festejaram-me; e fui encontrar o *ruço-queimado*, que em toda sua vida pastara sempre desprezado no campo, recolhido então à estrebaria recentemente varrida, tendo a manjedoura atotada de capim fresco, notando-se ainda pelo chão vestígios de boia e já devorada ração de milho.

O inteligente e grave animal, sentindo os meus passos, fez uma pausa de suspensão no trabalho suavíssimo de que se ocupava, estendeu para o lado da porta da estrebaria o seu enorme pescoço, olhou-me, inclinou três vezes a cabeça, como se me cumprimentasse; mas cedendo ao instinto, logo depois continuou a comer o seu capim.

Fue os gozos dessa estrebaria, *ruço-queimado!* como o teu milho e o teu capim! cavalo do principal herdeiro de meu Tio, em tua qualidade de cavalo, tu és uma peça muito ordinária, e merecerias antes cangalhas do que selim mas em honra e consideração de teu dono estás sendo objeto de cuidados, que nunca receberias em tua vida já bem longa: goza e come! eu te saúdo, oh *ruço-queimado!* porque hoje admiro a imagem do encanto da riqueza em ti, da maior parte dos homens nos escravos que te deram milho e capim fresco, e do mundo na tua estrebaria.

Ah! quantos *ruços-queimados* de dois pés passam vida mísera e felicíssima na terra, porque seus pais, os seus patrões, ou seus protetores estão nas condições, em que me acho depois que se abriu e foi lido o testamento de meu Tio!

Ruço-queimado! és feto, velho, e não prestas par: nada; mas, ainda assim, levanta a cabeça, e espera quem sabe o que ainda te prepara a fortuna?...

Positivamente asseguro que não és o cavalo que Buffon descreveu: a fortuna porém tem caprichos; e não há quem possa determinar até onde pode chegar e subtrair um cavalo.

Já houve um cavalo que chegou a senador do império romano: o exemplo ficou na história, e o exemplo... como a semente, que tem o dom da reprodução.

Convenho em que a extravagância de Calígula incomodou o amor próprio dos animais homens; porque o senador de Calígula foi mesmo cavalo de quatro pés, cavalo-cavalo.

A coisa esteve no nome, e na impossibilidade física de sentar-se o bicho em uma cadeira parlamentar; não esteve porém na capacidade intelectual, nem nas condições morais do cavalo.

A parte o nome imposto pelos naturalistas e pelo vulgo, eu te afirmo, *ruço-queimado*, e fica sabendo para tua consolação e teu orgulho, que tem havido muitos homens importantes, que se devem reputar feitos à tua semelhança, e que todavia se chamavam homens.

Em consideração a ti, meu cavalo, vou examinar os pontos de semelhança, em que fraternizais tu e essas notabilidades.

Tu não tens o dom da palavra, e é de supor, ou deve-se admitir por hipótese, que tens o dom de rinehar; eles, as notabilidades a que me refiro, se podem

falar, nunca falam e apenas gritam: — apolado! ora entre um rincho de cavalo e um apolado de quem nunca diz outra coisa, não descubro diferença que valha a pena.

Tu recebes freio e selim e te deixas cavalgar, e carregas como podes com o cavaleiro, e às vezes com algum outro à garupa; eles sujeitam-se ao mesmo cativo; abrem a boca para receber o seu freio especial, oferecem as costas ao selim da mesma natureza; e são cavalgados às vezes somente por seu dono reconhecido; mas às vezes também levam a condescendência muito além da tua; porque tu em caso extremo carregas um no selim e outro à garupa, e eles tem costado tão grande, e tanta força cavalgar, que carregam até sete cavaleiros de cada vez!!!

Tu gostas de comer capim e de roer milho, e eles também tem seu capim e seu milho e comem, como o diabo.

Tu tens cauda, que serve para espantar as moscas e os insetos que te perseguem, e às vezes como um abano para te refrescar o corpo e eles também tem cauda, mas os menos comprida, e em muitos enorme; cauda que não compõe, que não orna como a tua, cauda que envergonha, e que assinala em tua fraqueza inconfessáveis em outros crimes que ficam impunes.

Eis aí da cabeça à cauda quatro pontos de semelhança em que não ficas abaixo de certas notabilidades, e a elas pelo menos te igualas.

Examinarei agora as diferenças, e verás, meu *ruço-queimado*, que é nelas evidente a tua superioridade.

Tu andas de quatro pés, e satisfazes assim as condições físicas da tua natureza animal: és cavalo, e andas e sabes andar, como cavalo; eles andam de dois pés; muitos vezes porém moralmente se tornam quadrúpedes e esquecendo a sua natureza e dignidade de homens, se tornam homens-cavalos.

Tu nunca deste coices, mas tens natural direito de os dar, e todos os esperam de ti, como se espera o arranhão de um gato, e a dentada de um cão; eles não são animais coiceadores; mas coiceam, quando lhes faz conta como dez cavalos chucros.

Tu e outro qualquer cavalo-cavalo em regra não dais coices em quem vos dá o capim e o milho; e eles escoccam quem lhes dava o milho e o capim, desde que farejam que a manjedoura vai passar à direção de outros senhores.

Tu és dirigido pelo freio que recebes, e eles são dirigidos pelos rabichos que lhes põem: tu obedeces pela cabeça e eles obedecem pelas caudas.

Em último resultado deste exame comparativo que aliás se poderia estender muito mais, conhece-se que entre eles e ti, *ruço-queimado*, a semelhança é surpreendente no procedimento, no ofício, e no modo de vida, e que a única diferença realmente sensível real é que, debaixo do ponto de vista físico, eles são bípedes e tu quadrúpede.

Sois diferentes pelos pés e semelhantes pela cabeça: a física vos separa; mas a moral vos iguala.

Tu és o que és — cavalo-cavalo.

Eles são o que não deviam ser — homens-cavalos.

Tu és melhor, mais digno do que eles.

Levanta a cabeça, *ruço-queimado!* rincha uma vez por exceção; mas rincha, solta um rincho-trovão, um rincho de escárnio lançado a essa sucia humana degenerada.

Ah! esquecia-me um ponto muito importante de diferença entre eles e ti; aqui o consigno.

Eles mais dia menos dia são despedidos pelos alagadores causados de malar-lhes a fúria cavalgar; e caem no esquecimento, que é o justo castigo dos *homens-cavalos*, e tu *ruço-queimado*, nunca serás esquecido, porque quando morreres, hei-de te mandar empalhar: e te remetei para o Museu Nacional para perpetuação da tua memória.

Acabo, *ruço-queimado*, de dar-te seguros fundamentos para o teu orgulho; não quero porém que sejas vaidoso, e agora te digo: — abaixa a cabeça que te mandei levantar; porque há homens que são superiores a ti, embora sejam *homens-cavalos*.

Há homens que são superiores a ti; porque tem inteligência, ilustração, ciência; porque devem à natureza talento brilhante, e ao estudo reconhecimentos, em alguns, muitas vezes profundos.

E entretanto superiores, muito superiores a ti, são *homens-cavalos*, recebem e quase que pedem freio e selim, e deixam-se cavalgar.

Mas são cavalos aristocratas: escolhem o cavaleiro e o dono; tem orgulho, vaidade da montaria; mas por fim de contas são em todo caso *homens-cavalos*.

Ei, para mim, *ruço-queimado*, julgo estes ainda mais nocivos que os outros: os outros quase que tem razão de ser, positivamente não exercem influência na sociedade: animais de carga, fazem o seu ofício, vivem fazendo rir, e morrem sem que alguém dê por falta deles; são criaturas muito insignificantes de ópera italiana, de quem os camarotes e a plateia não fazem caso; os outros porém são cantores de primo cartel, o público ouve-lhes as arias, deixa-se levar pelas vozes das trindades e tentadas de suas gargantas magistrais, ilude-se com eles, bate palmas e aplaude, pensando que são gênios da sua espécie, que o exaltam, que o honram, que o nobilitam, servindo ao progresso e à civilização, e no meio ou no fim da peça desaponta, reconhecendo que bate palmas e aplaudiu em vez de artistas conscientes a *homens-cavalos* e nada mais.

Seja o cavaleiro peão ou rei, o animal em que cavalgar é sempre cavalo.

E por consequência, o meu *ruço-queimado* vale mais, merece mais do que todos eles; porque um cavalo não se avilta por isso; e os homens, ainda os mais inteligentes e ilustrados, que se abalçam a fazer o papel de cavalos, desonram-se, o que é o menos; mas além disso comprometem o cavaleiro, quase sempre inocente, o que é o mais.

Como portanto o teu milho e o teu capim, *ruço-queimado*, come-os a fartar, come-os com a certeza de que há por esse mundo *ruços-queimados* e não fazendo o bem que fazes, fazem o mal que não fazes.

Cavalo-cavalo, tu és melhor do que todos os *homens-cavalos*.

Fiz estas reflexões em pé na porta da estrebaria, fazendo-nos porém (é coisa célebre!) compreender, calculei todas as vantagens, que pode fruir o homem, quando combina as duas condições de cavalo e cavaleiro, e atendendo ao seus interesses, se resolve a ser hoje cavalo, para ser cavaleiro amanhã.

O selim e o freio e os braços no chão para um homem ser cavalo, não poucas vezes são desgraças por onde ele sobe às grandezas sociais. Ah! *ruço-queimado!* eu também me pareceria contigol para ganhar e subir não hesitarei em ser homem-cavalo.

O costume faz lei.

(Das Memórias do sobrinho de meu Tio.)

Um capítulo de "A Moreninha" — Joaquim Manuel de Macedo

MEIA HORA EM BAIXO DA CAMA

Não tardou que Felipe, como bom amigo e hóspede, viesse em auxílio de Augusto. Em verdade que era impossível passar o resto da tarde e a noite inteira com aquela calma, mantida pelo café; e portanto os dois estudantes voltaram à casa. Augusto entrando no gabinete destinado aos homens, lá tratar de despir-se, quando foi por Felipe interrompido.

— Augusto, uma ideia feliz! vai vestir-te no gabinete das moças.

— Mas que espécie de felicidade achas tu nisso?

— Ora! pois tu deves passar uma tão bela ocasião de te aproveitares das mil comodidades e das mil superfetidades que formam no tocador de uma moça?... Vai... não en que tu digas: ali acharás banhas e pomadas naturais de todos os países; óleos aromáticos, essências de formosa, e de todas as qualidades; águas cheirosas, pó-vernizes para as faces e para os lábios, bueta fina para esfregar o rosto e enrubescer as palmas; seivas e escovinhas, flores murchas e outras vitórias...

— Basta, basta; eu vou; mas lembra-te que és tu quem me fizes ir, e que o meu coração adivinha...

— Anda, que o teu coração sempre foi um pedaço de ouro.

E indo dizendo, Felipe empurrou Augusto para o gabinete das moças, e se foi reunir ao rancho delas.

Ai do pobre Augusto!... não tinha acabado de tirar as calças e a camisa, que também se achava manietado, quando rumor que faziam algumas pessoas que entravam na sala.

Augusto conheceu logo que eram moças, porque estes angelinhos quando se juntam, fazem conversando mastinada tal que a um quarto de légua se deixam adivinhar: se é sério e mesmo insólito compará-las a um bando de lindas maitacas, não há verdade sem dizer que muito se assemelham a uma orquestra de peritos instrumentistas, na hora da afinação.

Ora o nosso estudante estava, por sua esdruxula figura, incapaz de aparecer à pessoa alguma: em calças e na da cintura para cima, fazia lembrar de espanão, horror, vergonha, e não sei que mais, ao belo povinho que acabava de entrar em casa, e que certamente, se assim o encontrasse, teria de cobrir o rosto com as mãos; e portanto o pobre rapaz seguiu o primeiro pensamento que lhe veio à mente: ajuntou toda a sua roupa, enrolou-a, e com ela em baixo do braço escondeu-se atrás de uma linda cama, que se achava no fundo do gabinete, cuidando que logo se viria livre de tão interrompida visita; mais, ainda outra vez, pobre estudante!... teve logo de apressar-se, e espremei-se para baixo da cama; pois quando moças entram no quarto, e eram elas d. Joaquina, d. Quinquina, d. Clementina, e uma outra, por nome Gabriela, muito adocorada, muito esportilhada, muito esculpada, e que seria tudo quanto tivesse vontade de ser, menos o que mais acreditava que era, isto é, bonita.

Depois que todas quatro se miraram, compuseram feições enleadas, e mil outras coisas, que estavam todos muito em ordem, mas que as malhadas destas quatro "domicelias" não puderam resistir ao prazer, muito habitual nas moças, de desarranjar para outra vez arranjadas; tocam, por isso, dez pedacinhos de Augusto, sentar-se da maneira seguinte: — d. Clementina e d. Joaquina na cama, em baixo da qual estava ele; d. Quinquina de um lado, em uma cadeira; e d. Gabriela exatamente de frente de espelho, do qual não tirava os olhos, em outra cadeira, que, apesar do ser de braços e larga, pequena era para lhe caber sem incomodar toda a coleção de saias, saletes, vestidos de baixo, e enorme variedade de enfeites, que lhe faziam de suplemento à natureza, que com d. Gabriela, segundo suas próprias camaradas, tinha sido um pouco mesquinha a certos respeito.

Depois de respirar um momento, as meninas, julgando-se sós, começaram a conversar livremente. Enquanto Augusto, com sua roupa em baixo do braço, aberto de teia de aranha, e suores frios, comprime a respiração, e conservava-se mudo e quieto, medroso de que o mais pequeno ruído o pudesse descobrir; para seu mal infelizmente, a barra da cama era incompleta, e havia seguramente dois palmos e meio de altura descobertos, por onde se alguma das moças olhasse, seria ele imprimeiramente visto. A posição do estudante era penosa certamente; por último saltou-lhe uma pulga à ponta do nariz, e por mais que o infeliz a soprasse, a teimosa continuou a chuchá-lo com a mais descarada impudência.

— Antes mil vezes cinco sabalinas seguidas em tempo de barraca no Campo!... (dizia ele consigo).

Mas as moças foram já há cinco minutos; façamos por colher algumas belezas; o que é na verdade um pouco difícil; pois, segundo o antigo costume, falam todas quatro ao mesmo tempo. Todavia alguma coisa se aproveitará.

— Que calor!... (exclamou d. Gabriela, afetando, no olhar, de não lembrar de um donaire de uma hespanhola) oh! não parece que estamos no mês de julho; mas, por minha vida, vale bem o incomodo que sofremos o regalo que temido nosso olhos.

— Bravos, d. Gabriela!... então seus olhos...

— Tem visto muita coisa boa; oh! não é por falar; mas, por exemplo, há objeto mais interessante do que d. Luiza mostrar-se gorda, esbelta, bem feita?

— E' um saço!

— E como é feia!...

— E' horrenda!

— E' um bicho!...

— E não vimos a filha do Capitão com um dente...

na posteira?... Agora não faz sentido rir!...

— Coitadinha! aperta tantos os olhos!...

— Se ela pudesse arranjar também um poeirão para o queixo!

— Ora, d. Clementina, não me obrigue a rir!...

— D. Joaquina, você reparou no vestido de chaima de d. Carlota?... Quanto a mim, está absolutamente fora da moda.

— Ainda que estivesse na moda, não há nada que meia assente bem.

— Ora... é um péu vendido!... tem uma testa maior que a rampa do largo do Pego.

— Um nariz com tal cavalete, que parece o morro do Corcovado!...

— E a boca? ah! ah! ah!

— Parece que anda sempre pedindo boquinha.

— E que língua ela tem!

— E' uma vibora!

— Eu não sei porque as outras não hão-de ser como nós, que não dizemos mal de nenhuma delas.

— E' verdade; porque, se eu quisesse falar!...

— Diga sempre, d. Quinquina.

— Não... não quero. Mas passando a outra coisa...

D. Joaquina aplaudiu com ruído a moda dos vestidos compridos.

— Por quê?...

— Ora... porque tem pernas de canco de sacristão.

— Pernas finas também é moda presentemente.

— Mas me livre!... (exclamou d. Clementina) pelo menos para mim nunca deve ser; pois não posso emendar a natureza, que me deu pernas grossas.

— Não lhe falo atrás, juro-lhe em exclamou d. Quinquina.

— Nem eu! nem eu! (disseram as outras duas).

— Isso é bom de dizer (tornou a printaria); mas falam-te podemo tirar as dúvidas.

— Como?...

— Facilmente; vamos medir nossas pernas.

Ouvindo tal proposição, o nosso estudante, apesar de se ver em apuro em baixo da cama, atendeu os olhos de maneira que lhe parecem querer saltar das órbitas; porém d. Gabriela, que não parecia muito cansada, e que só por honra da firma dissera o seu — nem eu! — veio deixá-lo com água na boca.

— Havia de ser engraçado! (disse ela) arrastar-me aqui nosso vestidos.

— Que tinha isso?... (exclamou d. Quinquina) não somos todas moças?... dir-se-ia que não temos dormido juntas.

— E' verdade (respondeu d. Clementina); e além de que não vejo dormida, não quatro ou cinco saias por baixo do segundo vestido.

— E talvez algum saio!... vamos a isto!

— Não... não... (disse por sua vez d. Joaquina).

— Pois por mim não era a dúvida tornou d. Clementina, com ar de tripa, recostando-se no e voltando a olhar para os almofados, e deixando escorregar de propósito uma das pernas para fora do leito, até tocar com o pé no chão, de modo que ficou a mostra até o joelho.

— Quem me dera já casar!!! (exclamou ela).

Pobre Augusto!... não se chamava em feio?... ele vê a um palmo dos seus olhos a perna mais bem torcida que é possível imaginar!... através da finíssima meia aprecia uma mistura de cor de leite com a cor de rosa e rematando este interessante palmo, não pôde um, que só se poderia medir a polegadas, apertado em um sapatinho de setim, e que estava mesmo pedindo um... dez... cem... e mil beijos; mas, quem o pensaria! não foram beijos e que desejou o estudante aturar aquele precioso objecto, velou-lhe ao pensamento o prazer que sentiria dando-lhe uma dentada!... Como que já se não podia suetar... já estava de boca aberta e para saltar... porém lembrando-se da exótica figura em que se via, meteu a roupa, que tinha enrolado, entre os dentes, e apertando-a com força contra ela, procurava illudir sua imaginação.

— Quem me dera já casar! (repetia d. Clementina).

— Isso é fácil (disse d. Gabriela), principalmente se devemos dar crédito aos que tanto nos perseguem com finesses. Olhem que vejo-me deitada! mais de vinte me atacam! Querem saber o que me sucede ultimamente?... Eu confesso que me correspondo com cinco... isto é, não para ver qual dos cinco quer casar primeiro; pois bem, tenho uma preta que vende empadas e que se entrega das minhas cartas, recebeu da minha mão duas...

— Logo duas?...

— Ora pois, apesar de todas as minhas explicações, a maliciosa estava de mãos: mesmo dizendo-lhe eu des venes — a de laire azul é do sr. Joaquinho; e a de verde é do sr. Juma — sabem o que fez!... Trouxeram as cartas.

— E o resultado?...

— Ei-lo aqui (respondeu d. Gabriela, tirando um papel do seio); ao vir embarcar, e quando descia a escada, a tal preta, com a destreza precisa, entregou-me este eserto do sr. Joaquinho: — Ingrata! Ainda tremem minhas mãos, pegando no corpo de delito da tua perfídia! Reservas a outro?! Compaixões por tão horrível crime perverte o jurô do meu coração; e bem que tensas nesse tribunal a tua belza por negação, o meu cuore e justo ressentimento, que são os juizes, te condemnarão as per-petuas gaitas do desprezo; e so poderás livrar deas: se apelles dessa sentença para o poder moderador de minha cega paixão.

— Bravo, d. Gabriela! o sr. Joaquinho é sem dúvida estudante de jurisprudência?

— Não; é doutor.

— Bem moetas pelo bem que reserve.

— Mas eu sou bem teia! conto tudo o que sucede, e ninguém me confia nada!

— Isso é razoável (disse d. Clementina) não devemos pagar com gratidão a confiança de d. Gabriela. Eu começo declarando que estou comprometida com o sr. Felipe a deixar esta noite, embaixo da quarta rosceta da rua do jardim que vai direita ao caramanchão, um embrulhozinho com uma trança de meus cabelos.

— Que anseio!... porque não lhe entrega? ou não lho manda entregar?...

— Ora!... eu tenho muita vergonha... antes corria assim; até parece romântico.

— São caprichos de namorados! (falou d. Quinquina) havia tanto tempo para isso! mas enfim, de futilidades é que o amor se alimenta. Querem ver uma dessas? O meu predileto está de luto, e por isso exige que eu vá à festa de... com uma fita preta no cabelo, em sinal de sentimento; exige ainda que eu não valsa mais, que eu não tome sorvetes para não constipar, que não de "dominus tecum" a moço nenhum que espantar ao pai de mim, e que jamais me ria quando ele estiver sério; e a tudo isso junta ele ter direito por ser tenente da Guarda Nacional! pois porisso mesmo anda agora de fita branca no cabelo, valso todas as vezes que posso, tomo sorvetes até não poder mais, dou "dominus tecum" aos moços mesmo quando eles não espirram, e não posso ver o sr. tenente Gusmão sem sem soltar uma gargalhada.

— Olhem lá o diabinho da soneca!... (murmurou consigo mesmo Augusto em baixo da cama).

— E você, mania, não diz nada?... (perguntou ainda ela a d. Joaquina).

— Eu?... o que hei de dizer?... (respondeu esta) digo que ainda não amo.

— E' a única que ama deveras (pensou o estudante, a quem já doam as cadeiras de tanto agachar-se).

— E o sr. Fabricio?... e o sr. Fabricio?... (exclamaram as três).

— Pois bem (tornou d. Joaquina); é o único de quem gosto.

— Mas que temos nós feito hoje nesta ilha?... que triunfos havemos conseguido?... validade para o lado, moças bonitas como somos, devemos ter conquistado alguns corações!

— Juro que estou completamente aturdida com os protestos de eterna paixão do sr. Leopoldo (disse d. Quinquina); mas é uma verdadeira desgraça ser hoje moda ouvir com paciência aquela frivolidade vem à cabeça — não direi à cabeça, porque parece que os tolos como que não se tem — porém aos lábios de um desenhado namorado. O tal sr. Leopoldo... não é gracinha: eu ainda não vi estudante mais detestável.

— Você, d. Joaquina (exclamou d. Clementina), tem-se regulado hoje com o incomparável Fabricio; não lhe gabo o gesto... as as perninhas que ele tem...

— Ora (respondeu aquela), ainda não tive tempo de olhar para as pernas; mas também você parece que não se arranja muito com a cereveja de nariz de med' prima; enfim, minha amiga, todas nós gostamos de ser conquistadoras.

— Pois confessemos... isso é verdade.

— Pela minha parte não digo nada: (assobiou d. Gabriela, mirando-se no espelho) mas enfim... eu não sei se sou bonita; mas onde quer que esteja, vejo-me sempre cercada de adoradores: hoje, por exemplo, tenho-me visto deitada... perseguiam-me constantemente seis... era impossível ter tempo de marcar com todos a preceito.

— Mas, d. Gabriela, onde está o seu talento?...

— Pois bem, que se ponha outra no meu lugar.

— Alguns bonitos zombariam de dote de nós outras a um tempo... houve já um, que não teve vergonha de escrever isto em um papel:

Num dia, numa hora
No mesmo lugar,
Eu gesto de amar
Quinquina,
Cinquenta,
Seiscenta;
Se mil torem b-las,
Ano a todas elas.

— Que patete!...

— Que lolo!...

— Que valdeio!...

— Essa opinião segue também o Augusto!

— Oh!... e emé papéis?!

— Ei-las comigo (murmurou entre dentes o nosso estudante, estendendo o pescoço a modo de cagnão).

— Como lhe fica mal aquela cabelreira!... assimila-se ao a preguia.

— Tem as pernas tortas!...

— Eu creio que é corvinda,

— Não; aquilo é magreza.

— Forte impertinente! falando, é um Lucas!...

— Há de ser interessante dizendo!...

— Vamos nós torná-lo à nossa conta?

— Vamos: pensemos nos meios de zombar dele realmente.

— Pois pensemos...

Mas elas não tiveram tempo de pensar, porque neste momento ouviu-se um grito de dor, ao qual seguiu-se viva agitação no interior daquela casa, onde ainda há pouco não se respirava prazer e delicias. As quatro moças levantaram-se espantadas.

— Pareceu-me a voz de minha prima Carolina! (exclamou d. Joaquina).

— Collada! que lhe sucederia?...

— Vamos ver.

As quatro moças correram precipitadamente para fora do quarto. Augusto, que não estava menos assustado, saiu de seu esconderijo, vestiu-se apressadamente, e lá por suas vez deixou aquele lugar em que se vira em tantas apuros, quando deu com os olhos na carta do sr. Joaquinho, que com a pressa e agitação havia d. Gabriela deixando entrar.

O estudante apañou e guardou aquele interessante papel; e com prontidão e cuidado pôde, sem ser visto, escapar-se do gabinete.

Um instante depois foi cuidadoso de procurar soltar a causa do rumor que ouvia.

O grilo de dor tinha sido com efeito saltado por d. Carolina.

O CONCEITO DE ORIGINALIDADE E OUTROS — D. Milano

Nessa época tem a mania da originalidade. — exagero de que as obras anteriores se defendiam, evitando toda dispersão inútil da atividade do espírito por meio de regras certas e inflexíveis, uma disciplina exemplar que impedia as liberdades de mau gosto e exigia uma atenção continuada sobre o verdadeiro objeto da Arte.

A originalidade é um mau gosto. Chama-se essa palavra na atual acepção de ineptidão. Recursos de provincianos, de facinorosos, de arrivistas que quer m fazer sucesso, causar sensação, chamar a atenção sobre si. Tornou-se assim a originalidade uma procura de efeitos superficiais. Por isso mesmo é desprezada pelos nobres espíritos, pelos puros, pelos melhores.

É fácil inventar formas e atitudes poéticas sem consequências, fantasiar idéias abstrusas, basta desvirtuar e inverter o sentido plástico das coisas. Disto os modernos leem plausão a um proveito algum. Não há originalidade possível nos grandes temas da vida, — em religião, em beleza, em poesia. Há "obediência", compreensão.

O poeta é perceber o misterioso sentido da vida, seguir a única religião verdadeira, e em poesia o caminho certo.

A poesia é uma forma elementar. Talvez o poeta devesse até descobrir a "frase", a "idéia", a "imagem". O que o poeta não faz é inventar, a água, o fogo, os mundos, as formas, os corpos, as pedras, o amor, a dor. As "idéias" foram traçadas há mil séculos, as formas já existem. O poeta é quem as organiza, as torna belas, as torna úteis.

Exemplos de "verso elementar": "Lágrimas de imortal contemplamento"; "Transporta a dor nos esses espaços". Exemplo de verso-frase: "Sob o canto estridido do luar". — Não sei se se faz entender bem. O que emblece o poema é a frase, a idéia, a imagem inútil. A simulação é uma coisa dura, como a vida do monge. E não só na vida; em todas as artes o que se emblece é a "frase", a "idéia", a "imagem" inútil.

Entre a Venus de mármore completamente inútil como mulher, mas que, se não existisse, o mundo teria menos valor e uma mulher viva, porém menos bela (a qual se não existisse, o mundo nada perderia com isso) é sem dúvida infinitamente preferível a existência da Venus.

Assim com a Poesia. Embora inútil para os homens práticos, e quando recita poesia seria um corpo sem beleza, matéria grossa, objeto sem valor.

Frédéric inventar todas as invenções que quiserem, nenhuma substituirá a poesia.

Toda poeta principia avançando demais e termina voltando vagarosamente.

Certo mesmo que a Poesia é um caminho para fora, um caminho para dentro.

Quando o "poeta" escreve, o "homem" está bem no centro de si mesmo, em fusão com o misterio do espírito, com a essência da vida. Daí esses pensamentos constantes do poeta em torno das imagens da morte e da imortalidade. — o que significa, não vontade de suicídio, mas superação de si próprio. O desejo de morrer, em

alguns poetas, é desejo de eternidade.

A linguagem nos torna anti-finito?

Dadá, aluno do curso primário de literatura infantil, faz uso de uma espécie de primitivismo não desprovido de certa ingenuidade feliz. Porém essa obra denota ausência de sentimento e um certo nível intelectual. — o que é, entretanto subido por uma forte dose de cinismo e inconsciência que tornam o indivíduo temível, porque a audácia, mesmo a do ignorante, nunca se dá por vencida.

Os antigos meditavam, nós analisamos.

Não tenhas medo de pensar, nem do que os outros pensarão dos teus pensamentos.

Ou o homem olha para o mar como quem vai desolhar-se dele, ou contempla-o amesquiado diante da sua imensidão. São estas as duas atitudes diante da vida.

Como considerar "antiga" uma obra de arte que vai ser vista "pela primeira vez" por futuros geradores e provocadores do estuor e a admiração? Tal obra é antiga, moderna e futura.

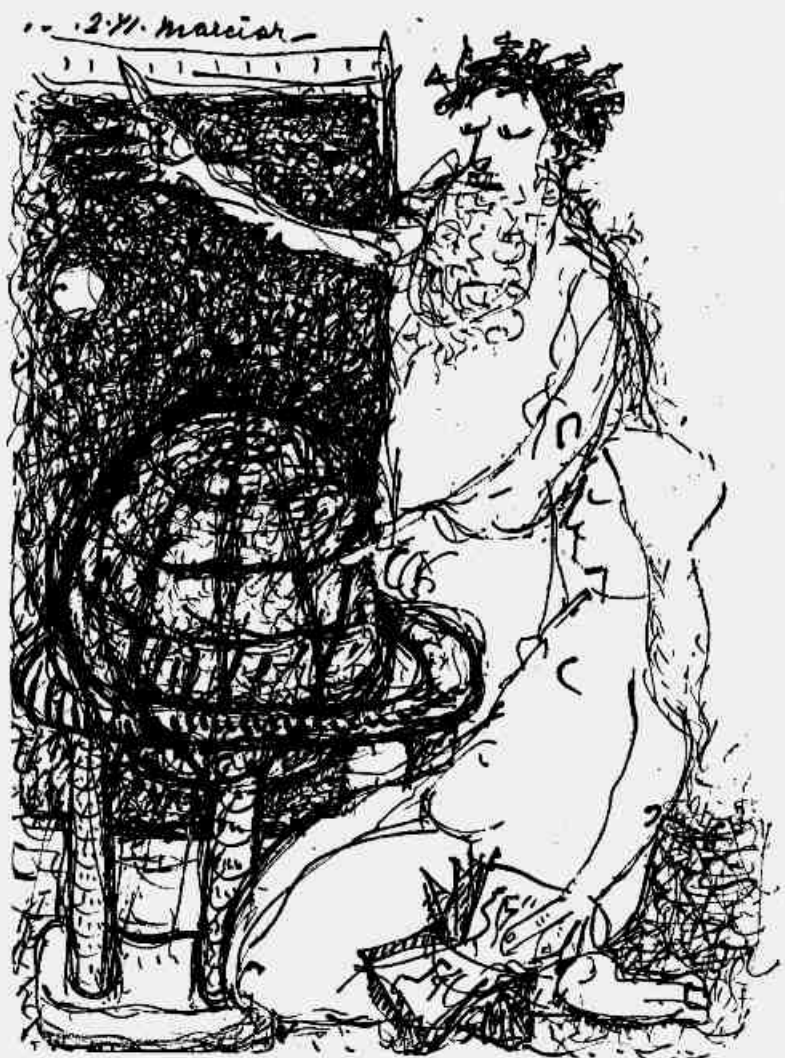
A vida interior deve ser um debate dos problemas eternos, não uma evanescente fantasia.

Ao contrário do que poderia parecer, quem se preocupa com o "detalhe" e que é sintético; exemplo: a "Vaga" de Bichsel, a pintura oriental, os hal-lais de Li-Tai-Pe. Quem se preocupa com a "generalidade" é profuso; exemplos: Whitman e o "Universal"; Victor Hugo e "Téternité".

Qualquer indivíduo sem prática, mas aplicado, pode ser um bom gramático, um bom historiador, etc. Mas uma bailarina representa muito mais. Parecendo frívola, é muito mais profunda.

No verso livre, a cada linha o autor acorda, hesitante, ante um novo problema a resolver, um novo ritmo a formar. Há um hinto, um lapso, uma separação de verso a verso, que causa ainda mais o leitor do que a monotonia do verso regular, e o faz olhar com certa indiferença e enfado essa inútil diversidade de ritmos (dinâmicos?) essa dispersão de forças, por curiosidade logo se dá, pois o que ele deseja e procura é um ritmo que o arraste e subjugue ao seu poder e encanto. Por isso o verso livre tem sempre uma tendência para a divagação, sem grandes consequências. A irregularidade do ritmo produz a desordem do espírito. Tal verso tem todos os defeitos e dificuldades da prosa, sem ter a sua qualidade principal: a união, a linha constante que mantém o espírito atento.

O verso livre é a lira partida.



ARMILAVDA

Armilavda, o doce Armilavda.

Lembra-te do tempo em que descobríamos o universo.
Lembra-te do tempo em que se descobria a cortina das nuvens.
Em que ficávamos na varanda à espera da lua,
Em que retínhamos a respiração diante do movimento das ondas?
Em que folheávamos grandes livros de gravuras,
Em que nos debruçávamos sobre o mapa da terra.
Lembra-te quando te apontei um dia a Austria,
A Índia com seus palácios monumentais,
A China da profundidade e do mistério?
Armilavda,

Sei que te lembras do tempo
Em que iamos para o campo assistir ao germinar da semente
(Corria, solta a cabeça ao vento,
Tuas pernas eram fortes e potentes
E os lacinhos azuis do teu vestígio
Se confundiam com as borboletas do mato).
Sei que te lembras do jogo de bilhar no quarto ladrilhado,
Do noite em que surgiste de domínio naquele baile de máscaras,
De nossas primas tocando piano a quatro mãos,
De grandes chuvvas de pedra e da surpresa do arco-íris das nuvens,
Que te lembras de tudo... Das nossas respirações em suspenso,
Das longas confidências no jardim de magnólias,
Do movimento das ondas, lá fora, despetecendo a praia...
Sei que colecionaste todas as imagens,
Que de vez em quando sobe-te às narinas o cheiro das magnólias
E que tentas reconstituir a era do entrelaçamento de dois seres.
Armilavda, Armilavda
O tempo é o mesmo, germina nos campos a semente de outora,
A lua chega esta noite entre revoas de nuvens,
As ondas lá fora despetecem a praia.
Armilavda, Armilavda, o tempo é o mesmo...
Nos palácios monumentais da Índia
Lutam tropas de párias e soldados nus,
Na China da profundidade e do mistério
Morrem crianças e velhos metralhados.
Consolidamos tantos mapas, leramos tantos livros...
Mas não tínhamos lido a história de Abel e Caín.

MURILLO MENDES



BELEZA ORGULHOSA — José Rodrigues Miguéis — Ilustração de Oswaldo Goeldi

José Rodrigues Miguéis é um escritor português, dos mais característicos de sua geração. Reside nos Estados Unidos, e ali trabalha estavelmente, no sentido literário e no sentido político.

Amigo do Brasil, tendo aqui grande número de afeições, entre elas a de letras e jornalistas, José Rodrigues Miguéis deliberou dar um livro sobre as primeiras do seu próximo livro de contos. E é assim que em breve tempo deverá sair de uma de nossas editoras o seu livro *Contos de Incêndio* e outras histórias, excelente preciosa de novelas, em que o escritor traça penetrantes retratos psicológicos dos seus personagens.

Um livro de José Rodrigues Miguéis, Autores e Livros publica hoje a novela que se vai ler — *Beleza Orgulhosa*. Verá o leitor que é uma página impressionante, energética e viva, demonstrando-nos que o velho Portugal tem na nova geração um contor intencional, digno de receber com Plínio de Almeida e Raul Brandão.

Por essa costa actua vai um temporal desfeito. Lívido e furioso, o Atlântico varre as praias desertas, engole inteiras frotas de barcos pesqueiros, erpe marítimos desbaratados para o lançar terras a dentro. O "toronado" arranca pela raiz árvores que viram desabarcar os Peregrinos, leva as casas e os banhos rolando na sua frente como calzinhas de papel, desfolia vidas sem conta. As pontes de uca pibram, vergam, partem-se como brinquedos; os trens descarrilam e os rails arrancados ficam retorcidos como cobras de aço, tetanicadas. Os fios telegráficos vergastam o ar, asobiam, emaranhados como cadeleiras de cobre no vento. Erguidos sem peso das estradas, os automóveis jazem estranhamente como espantalhos entre as culturas devastadas, os tombados, inanimados, nos fossos. Torções e colécticos, os rios industriais galgam as margens, arrastam gado morto, casas, barcos sem governo, bergos de

meninos, gritos de aflicção...

E a América, é o monstro dos contrastes, lutando... A rádio não se cala, ansiosa e fanhosa, multiplicando ao infinito a ansiedade da gente. Seis horas, noite fechada. Os bars cheios, a luz velada, a música langue. Seis horas, e um vendaval como não há memória. Aqui mesmo, como suspensa do arranha-céu, parada pelo vento, nos estalos e nos uivos, a imensa cortina da chuva cerrada dá volta à esquina do hospital, e desfaz-se no pavimento, em baixo, com uma fumarada ruidosa que o vento leva e dissipa. O asfalto da rua parece um rio negro e oleoso. Temporal assim. Ninguém na rua. Os arranha-céus zumbem no vento musical. E as janelas batem por aí como queixadas, de terror. A cidade parece alucinada.

Nisto ouço uns brados de aflicção, que se confundem com os uivos do vento e os estalos da chuva. Olho as janelas do hospital, de onde sempre vêm gritos: fechadas, serenas, radiantes. O hospital enorme faz frente ao vendaval. Não é daí. Escuto melhor — é lá em baixo, é lá de baixo. Jesus, que sucede? Gritos, gritos. Sempre inquietações, nunca haverá sossego. Corro à escada e escuto: é lá em baixo, é nos fundos do prédio. Telefono ao "Janitor" da casa: "Que é isto? Ouço gritar, lá em baixo?" E a voz, serena e macia, contrasta com a fúria do tempo: "Sim, é cá em casa, temos desgraça em casa..." A voz impassível! Largo o telefone, encolho os ombros. Mas vem da rua a sirena da polícia, uivando. Como é confrangedor, no temporal. Aqui perto. Corro à janela. Cinco detetives saltam da limosina preta, de pistolas em punho, correm para a porta: O "homicide squad"! Desço assim mesmo, em chibanos — meu Deus, que seria!

Os gritos calaram-se, um silêncio mortal sobre já dos fundos da cave. Impossível passar, e desço à rua. Ali, adiante uma ambulância espera. Um magote de gente esperta, murmurando: pela janela da cave (fica um pouco abaixo do passeio) vejo um corpo estendido no tapete. Um corpo de mulher, as pernas a descoberto, brilhando na luz infensa. Que se passa? Mas que se passa? E de repente o médico, os agentes trazem para fora um homem em braços. Carregam-no para dentro da ambulância que espera. Deixam-no lá, a porta aberta. Toda a gente continua a espreitar para dentro da casa. Deixam-no lá. Um tipo novo, a cabeça toda em sangue, pálido e magro... Ficam voltados para fora os sapatos escangalhados. Mas deixam-no então? Estará morto. Tem um braço, o direito, caído, a mão livida, magrinha, sem pinga de sangue. E nisto — meteu-me um susto, julguei que estava morto — levanta a mão e mexe-a frouxamente, como se estivesse a falar para alguém, a explicar não sei quê. Deixa-a cair desanimado. Mas como foi, como foi? Ninguém explica nada. A chuva desaba. Baixaram agora a cortina, só vejo os pés da mulher...

Entro e vejo isto. A casa invadida de gente. Cheia de luz. Parece um estúdio, parece irrevel, um ensaio de cinema. E um silêncio! Este homem calvo e calado, em mangas de camisa, circulado de decap... Ah é o pai? Sim, o "Janitor" da casa, então não sabia? Mas como foi, que se passou? E logo numa tarde assim. Um vendaval como não há memória.

A educação que eles deram aquela filha!

Era bela e orgulhosa, e agora, ali estendida no tapete, tem uma moeda de sangue em

plena testa. Belas, unidas, pro-fissionais, as suas pernas tem um brilho estranho na luz crua dos projetores, como num "show". (Abafa-se nesta casa).

Descobertas na morte sem pudor. O seu orgulho. Miami, Bahamas, Bermuda, mas cinquenta e tal de Nova York... Desta vez seu retrato virá na primeira página do "Mirror", do "News", do "New York-American". Publicidade! — tarde demais. Polícias e fúrias, causarão só horror: a senarção do belo-horível de que as porteiras gostam. Os cabarés vão esquecer a depressão, o negócio não pode parar, há tanta perna bonita, tanta sede de manhattans, de cuba-líbras, de "swing" e esquecimento. Não haverá mais grinaldas lubrificadas de olhares nas suas pernas puras (excesso de ambição e orgulho). Só vermes em proleção. Em silêncio, sem gorjetas aos porteiros. (Em que está o senhor a pensar?) Estendida no tapete. Os polícias olham, de chapéu na cabeça, aborrecidos, fumando charuto de cinco centavos, pensando talvez no jantar, à espera de quê?

A educação que os pais lhe deram. Não houve sacrifícios que não fizessem por esta filha. E acabar assim. Parece mentira. E então numa tarde destas. Um temporal de meter medo. Quanta desgraça! Olhe, a tirarem mais retratos. Levaram o mais novinho para casa dos vizinhos. Pobre criança, assistiu a tudo. Ah foi ele que gritou, então? Era a voz dele. Era a dele. Estão a fazer perguntas à mãe. Cotada, tem os olhos secos de tanto chorar. Aquele é o filho mais velho; a senhora bonitinha é a mulher. Boa gente, sabe? Vi sair o marido em braços, para a ambulância. Ainda lá rio? Pois... Carregaram com ele e deixaram-no só, a porta aberta. A cabeça toda em sangue. Coisa mais triste. (Então, fazem favor, falam mais baixo). Schiu, os detetives estão a ouvir a mãe.

... Ah então ela estava se-parada do marido? Há seis meses. Um pobre diabo. A família não fazia caso nenhum dele. Gente rica, sabe. O pai era banqueiro. E ele tão pobre? Parecia um mendigo, os sapatos escangalhados... Não queria trabalhar, um doente. Educações! Queria que a mulher voltasse para o pé dele. Mas aqueles ciúmes?... Não a deixava trabalhar, e ela tinha que o sustentar! A paixão dela foi sempre a dança. Desde pequena. Fizem tudo para lhe dar uma educação. Nunca zuiu aquelas mãos. Ele então vi-la, suplicar. Não en precisava de governar a minha vida, tenho a minha carreira, o meu futuro... Cotada, vinte e dois anos. Tinha a casa e tudo, ela pagava-lhe a renda. Pena dele, sabe. Mas aqueles ciúmes. Há dois meses ofereceram-lhe um bom contrato, e foi para a Bermuda. Era a carreira, o começo de glória. Voltou que parecia outra, alegre, cheia de saúde. Veja como era bem feita. Quando? Ontem mesmo, senhor. O empresário não a largava. Estude, trabalhe. Para quê? Vinha cheia de esperança, parece que já tinha outro contrato em vista. E agora ali estendida, esta gente toda a olhar. Ainda tem as malas daquele canto, vê? Só vestidos são para cima de cem. O empresário tinha-a convidado para jantarem juntos esta noite, no "uploun". E a mãe, que fosse, precisava-se divertir, e o empresário tão interessado, tão boa pessoa. Estiveram naquilo

(Continua na página seguinte)

BELEZA ORGULHOSA.

(Continuação da pág. anterior)

horas, vou-não-vou. E não foi. Imagine, a morte aqui à esportada! Mas porque não foi? Não queria andar com judeus. Que era mau para a reputação. Mas em julguei que eram judeus? Não, são russos, são da Ucrânia. Coladinhos, os sacrifícios por aquela filha... Veio o empresário, mister Goldstein, acho eu, e ela, — peço desculpa mas o tempo está tão mau! Ele foi-se embora no automóvel, fica para outro dia, passe muito bem. Esteve a mudar de vestido, calçou as sandálias para dançar. Doiradas, olhe para aquilo. Uma fortuna só o que ela comprou para ir à Bermuda. Um guarda-roupa. Talvez se possam vender. Um ror de dinheiro. Bom, com esta chuva — chega o marido, um pobre diabo. Quería tão mau! Viam-se os pesos. Ela esfava-se podia. Apareceu por aí, davam-lhe de jantar, tinham pena dele. Não era mais rapas, iam-se a sentar à mesa para jantar, que fantasma também, e ele aceitou. Muito sossegado. Comeram sanduíches e beberam café, ali na cozinha. Olhe a cadeira, não se tem tirado do mesmo lugar: seis cachorrinhos, tem oito dias! Ali ficou a ganhar. Bom,

ele começou na do costume: que voltasse pro pé dele, já tinha arranjado emprego (mentira), que se deixasse de danças, de cabarés, de companhias. Mas quem diria? Conversa mais natural! Foram para a sala e de repente lá ele assim: "Então tu não queres voltar pro pé de mim?" Como se não fosse nada. A pequena sorriu. "Não se fala mais nisso, Bob, e ficamos amigos". Puxou da pistola: "Então mata-te". Julgaram que fosse a brincar! Arapiriga ia abrir a boca, e ele deu-lhe o tiro mesmo entre os olhos. Foi logo a matar. Agora já não se vê, taparam-na com a serapiheira. Mas porque não lhe tapam as pernas, coladinhos? É uma deshumanidade, tudo a mostra... Levou as mãos à cara, parecia a pobre que não queria ver a morte. Como sem dizer ali! Não podiam acreditar. Ele pôs-se a andar a roda da casa, como tanto, com a arma na mão, a falar sozinho. Parecia contrariado, não sabia se morria se não morria. O pequeno e a mãe desataram aos gritos. Foi um instante. Viro a pistola a cabeça, — vê ali o sinal da bala? Atravessou-lhe os miolos e foi-se espetar no alisar da porta. Um doido, que até já se andou a tratar. Sempre armado, era aquela mania. E os médicos, não preveniram a família? Pois, mas quem faz caso? Podiam tê-la salvo. Era ter dado parte a polícia. Isso sim, pena dele! Um dia lá em casa estava metido no quarto, e ouviu-se um tiro. A rapariga correu logo. Ele estava de revolver na mão a vir: "Sabia que logo vinhas". Tinha dado um tiro no travesseiro da cama! Coisas mesmo de doido. Falava de acabar com a vida. Mas não quis ir ao. Olhe que já é egotismo... Escute, é o telefone. Chegou no telefonia do hospital. Morreu? Acabou-se. Agora mesmo. Não tornou a falar. O agente que foi à casa dele encontrou-lhe dois revólveres, ambos carregados. Deixou um bilhete para a irmã: "Tinha de ser". E outro para a polícia: "Peço desculpa de incomodar os senhores". Vinha então premeditando...

A GENTE vai saindo. Os detetives parecem olhados. Os jornalistas acabaram de tomar notas.

Beleza orgulhosa, beleza lotra, duzentos vestidos, o futuro, uma carreira. Estudada no tapete onde dançava silenciosamente, olhando os calcanhares dos sandálias doiradas. E os sacrifícios dos pais: Toda a vida pelas caves dos prédios acendendo fúnebre, despejando lixo, metendo carvão, o molho das chaves mostrando a casa que está para alugar, ouvindo reclamações, arrastando as torneiras que pingam. E a Ucrânia no fundo do peito, irremediável. E aquela filha de cara dura e fechada, bela, orgulhosa, que nunca falava, olhando os calcanhares doirados. Era mesmo a girl do cabaré que vocês sonham, de alta classe. Beleza profissional, sonhando um futuro. Morta. A mãe nunca quis que ela saísse daquela casa. "Olha as unhas...". E agora lá está. A América, o futuro, retratos nos jornais, uma carreira, as pernas incomparáveis, uma educação como eles lhe deram. E esse vento, nunca lá nada achou. Diz que vai por aí muito destrozado, martirizado. A chuva caiu como no cinema. Uma chuva mesmo americana. E os vizinhos a olhar. Que esperam eles? O pai sai, em mangas de camisa: São horas de se limpar as cinzas da janela, sacudir as grelhas, recolher o lixo do elevador por onde sopra um vento que cheira a podridão. "All right! Let it go!" O jantar vai do seu serviço e a morte fica morta. A chuva amainou. A noite parece cansada do temporal. O ar está morto.

"Gee", a gente esta noite vai mais à no cinema, distrair um miolinho. A casa ficou cheia do crime.

(1939)

O CHAPELINHO AMARELO.

Um comentário em torno de "Autores e Livros" - Nacio Leão

A "Folha da Manhã", de São Paulo, teve, outro dia, acerca de AUTORES E LIVROS, palavras que muito lisonjearam o diretor desta publicação. Um ponto existe, entretanto, no editorial ali publicado, que precisa ser esclarecido. É a observação, que, AUTORES E LIVROS, faz o jornalista paulista, de só ter agora o suplemento literário de A MANHÃ tratado de uma figura de S. Paulo, que é Francisca Julia.

Ora, isso não é propriamente a verdade. De certo o autor da nota em apreço não tem acompanhado os vários números de AUTORES E LIVROS, que vem sendo publicados. Porque, se os houvesse visto, teria verificado que, se o nosso número 14 era, em parte, dedicado a Francisca Julia, o nosso número 6 era, em parte dedicado a Amadeu Amaral, e o nosso número 3 era todo dedicado a Eduardo Prado. E Amadeu Amaral e Eduardo Prado são — a não ser que estejam erradas todas as informações até agora existentes — tão paulistas quanto Francisca Julia.

A verdade, porém, é que AUTORES E LIVROS não tem, nunca teve, nem terá jamais, qualquer preocupação regional. Considera-se uma publicação feita para o Brasil, e é nesse sentido brasileiro que existe a procura realizar-se. Poderíamos, a esse respeito, fazer, já hoje, uma curiosa excursão entre os números da estatística.

Se a fizéssemos, veríamos o seguinte: AUTORES E LIVROS, reuniu, até hoje, 33 escritores, postou em foco em nossas pequenas e semanais antologias. Estes escritores se distribuem assim, por Estados: Pará, um; Inglês de Sousa; Maranhão, oito; Raimundo Correia, Artur Azevedo, Joaquim Serra, Gonçalves Dias, Humberto de Campos, Maranhão Sobrinho, Olegário Aranha, e Aluísio Azevedo; Ceará, três: Araripe Junior, José de Alencar e Franklin Távora; Paraíba, um: Augusto dos Anjos; Pernambuco, um: Joaquim Nabuco; Sergipe, um: Jackson de Figueiredo; Bahia, três: França Junior, Francisco de Castro e Xavier Marques; Estado do Rio, oito: Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Raul de Leoni, Salvador de Mendonça, Raul Pompeia, Alberto de Oliveira, Castro Meneses, Joaquim Manoel de Macedo; Distrito Federal, cinco: Laurindo Flabio, Machado de Assis, Olavo Bilac, Mario de Alencar, Visconde de Taunay; São Paulo, três: Eduardo Prado, Amadeu Amaral e Francisca Julia.

Ai está. O diretor de AUTORES E LIVROS é pernambucano, teria, como qualquer outro brasileiro, direito a cultivar os seus naturais sentimentos de baiano, direito a procurar colocar o seu Estado acima dos demais, pelo menos nesses assuntos de literatura. Entretanto, até agora, só organizou para o seu querido Pernambuco, um suplemento: — o de Joaquim Nabuco. E quantos já poderia ter organizado se se deixasse influir pelas preocupações locais! Oliveira Lima, Meireles e Albuquerque, Silva Lima, Maciel Monteiro, Barbosa Lima, Martins Junior, Sousa Bandeira, Alfredo de Carvalho, Laurindo Leão, Teotônio Freire, Paria Neves Sobrinho, Pinto de Campos, Aitor Orlando, Dantas Barreto, Abreu e Lima, eis, entre muitos outros, alguns nomes pernambucanos, ilustres na esfera do pensamento filosófico ou literário, e que, tanto quanto os autores que já tem entrado em nossos suplementos, merecem essa modesta homenagem. O diretor do suplemento pretende, sem dúvida, incluí-los todos, nas antologias que vem organizando. Nunca se apressou em fazê-lo, porém, esperando que cada um chegue a seu tempo. O suplemento de cada um deles chegará, não tenham dúvida, como chegará o suplemento de cada escritor paulista

ta digno da homenagem, como chegará o suplemento de cada escritor brasileiro, de qualquer região que ele seja.

A amável nota a que aludo sugere a AUTORES E LIVROS vários nomes paulistas, dignos da nossa antologia — Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral, Batista Cepellos, Ricardo Gonçalves, Adolfo Araújo, Wenceslau de Queiroz, Antero Biom, Moacir Piza, Gustavo Teixeira, Ciro Costa, Martins Fontes. São os nomes ali citados. Quanto a Amadeu Amaral, já foi incluído como vimos acima, em uma de nossas primeiras antologias. Quanto a Vicente de Carvalho, seu suplemento já está organizado à espera do dia em que há-de sair. Os de Batista Cepellos, Ricardo Gonçalves e Gustavo Teixeira, estão quase prontos.

Mas ao redator da "Folha da Manhã" escaparam vários nomes ilustres das letras paulistas cujos suplementos já estão em nossa pasta, ou já organizados, ou ainda em organização, dependendo apenas da marcha do tempo, para serem publicados. Alvares de Azevedo, José Bonifácio, Diogo Feijó, S. Leopoldo, Marilim Francisco (o autor de "Contribuição"), Paulo Bairo, os dois Alcantaras Machados, (José

e Antonio), Jaseguai Varnhagen, Oswaldo Cruz, Alexandre de Gusmão, Homem de Mello, Malias Aires, Paulo Setubal, Valdomiro Silveira, Rodrigues de Abreu — eis alguns outros escritores paulistas nos quais, como o desenvolvimento dos nossos trabalhos, havemos de dedicar suplementos.

A nota que acabei de comentar, e que apareceu na "Folha da Manhã", no dia 14 deste mês, deu a oportunidade, que eu desejava há muito, de acentuar um ou dois aspectos da organização e da vida de AUTORES E LIVROS.

O principal desses aspectos, que desejo lique de uma vez para sempre fixado no espírito de todos os leitores, é este: e que AUTORES E LIVROS faz questão essencial de ser uma publicação brasileira, no grande sentido, livre do menor vislumbre de qualquer regionalismo e desejando apenas cumprir este programa que se traçou — a de ser um veículo honesto, tão exato quanto possível, de todas as informações que sobre a produção literária do Brasil possam desejar ter as novas gerações de estudantes, tão desprevidadas de livros completos e de bom preço, que lhes ensinam a que foi a vida e o que foi a obra dos nossos autores eminentes.

ROQUETTE PINTO NO PARAGUAI -- Gilberto Freyre

De Roquette Pinto já tive ocasião de dizer, ao regressar dos países do Prata e do Paraguai, que é a figura de intelectual e homem de ciência brasileiro de quem se encontram recordações mais profundas no espírito dos nossos vizinhos do Sul; seu curso de fisiologia na Universidade de Assunção ainda hoje — mais de "vinte anos depois", como no romance célebre — é lembrado por antigos discípulos ou simples ouvintes, com enorme simpatia e até entusiasmo. E o paraguai é um povo de entusiasmos difíceis.

Vejo agora que não há exagero nenhum nas palavras de Don Modesto Guggiarri acerca do mestre brasileiro. Guggiarri chamou ao professor Roquette Pinto de "Embaixador Extraordinário das Ideias e Sentimentalismo do povo brasileiro". E destacou que a missão puramente docente de Roquette Pinto na capital paraguaiense fora completada por verdadeira ação de homem de Estado no sentido de nossa maior aproximação com a gente hispano-paraguai.

Muitas vezes esses "embaixadores extraordinários", desdenhosamente chamados de "poetas" pelos outros — que no caso seriam, sem mácula nenhuma, os ordinários — realizam obra muito mais segura no sentido do melhor entendimento entre dois povos do que a diplomacia convencional com todas as suas zumbaladas e todas as suas preocupações pelos "resultados práticos". Tal o caso de Oliveira Lima em Washington. Durante anos o Itamarati como que se especializara em enviar para aquele posto figuras bem penitentes, bem barbeadas, bem calçadas e mesmo — justiça lhes seja feita — bem educadas e bem comportadas. Mas sem relevo intelectual nenhum. Oliveira Lima, tendo feito da capital dos Estados Unidos sua residência, prestou ao Brasil este serviço que não deve ser esquecido nunca: foi ali o elemento de compensação à mediocridade inexpressiva dos diplomatas ordinários. Representou o Brasil — nossas ideias, nossa cultura, nossos sentimentos — junto às universidades, como Harvard, junto aos juristas, como Brown Scott, junto aos intelectuais, junto à elite católica dos Estados Unidos. Retomou, nesse particular, o fio de uma tradição partida: a de

Joaquim Nabuco, que magnificamente reunira a representação oficial do Brasil a de homem representativo da nossa cultura.

Homem representativo da nossa cultura — ou "embaixador extraordinário das ideias e sentimentos" — e o que foi Roquette Pinto ao Paraguai; e não apenas o prestou esplendor de ciência, mas as suas se tornaram verdadeiras encruzilhadas para os intelectuais e para a sociedade universitária de Assunção. Não apenas o pesquisador, de espírito científico completado pelo artístico, que teve a pacchorra de estudar e a alegria de esclarecer um dos mistérios mais sutis da etnografia do Paraguai: os significados místicos — ou, mais precisamente, os motivos de significação simbólica ideográfica — dos recortes de inbanditi, a renda tradicional das mulheres paraguaienses. São os resultados dessa pesquisa — revelados no XXI Congresso Internacional de Americanistas em 1924 — bastariam para marcar os dias que o professor Roquette Pinto passou no Paraguai como dias luminosos na história da etnografia americana.

Mas o contacto do ilustre cientista e intelectual brasileiro com o Paraguai teve resultados mais profundos e mais largos: o do professorado de Roquette Pinto na Universidade de Assunção que data a fase atual de melhor entendimento entre paraguaios e brasileiros, a qual o presidente G. Vargas, em novo e decisivo vigor, além de empia e significação. Caminharam para o dia em que a guerra com o Paraguai será lembrada quase como uma guerra civil — tanto são as afinidades que terão a a nos aproximar. Nesse dia o trabalho de Roquette Pinto em Assunção no ano já remoto de 1920, será lembrado aqui e no Paraguai, como uma espécie de inbanditi em ponto grande, tecido só com ideias e sentimentos fraternos. As ideias animadas principalmente pelo sentimento de um Interamericanismo cujas raízes veem de afinidades ameríndias de cultura tão profundas que diante de um paraguai o brasileiro tem quase a impressão de estar diante de um parense ou de um europeu, de um missionário do Rio Grande do Sul ou de um filho do Brasil Central.

A compensação do Amor

Joaquim Manuel de Macedo

Tudo neste mundo é mais ou menos compensado; o amor não podia deixar de fazer parte da regra: ele, que de um nadazinho tira motivos para o prazer de dias inteiros, que de uma flor já murcheira engendra o mais vivo contentamento; que por um só cabelo faz escarcear coisas que nem mesmo a sorte grande os causaria; que por uma cartinha do cinco linhas põe os lábios de um pobre amante em inflamação aguda com o estar de tantos bellos; se não produzisse também agastadas arrufas, às vezes algumas colicas, outras enargures de boca, palitações, ataques de hipocondria, prurido de canelões etc. seria tão completa felicidade cá em baixo que a terra chegaria a lembrar-se de ser competidora do Céu.

BIBLIOGRAFIA DE J. M. DE MACEDO

(Continuação da pág. 202)

lectual foi activa, profícua e de rara intensidade.

Em o n.º 19 da "Revista do Brasil" há um estudo: MARTINS.

No tomo 27, pag. 447, vol. 141, da "Revista do Instituto H. e Geogr. Brasileiro, há uma proposta para serem reunidos em volume os discursos e relatórios do romancista.



Macedo, no tempo da mocidade

Contra as forças da Inconfidência

UMA ENTREVISTA DO ESCRITOR ERNST ROBERT CURTIUS, EM 1935, DEFENDENDO A CULTURA HUMANÍSTICA

"É SEMPRE MAU ESQUECER OU POR DE PARTE AS LIÇÕES QUE O PASSADO NOS LEGOU"

Faltando, na biblioteca de um amigo, a coleção do jornal literário "Bandarra", de Lisboa, encontramos no n.º 17, de 6 de julho de 1935, uma entrevista com o escritor alemão Ernst Robert Curtius, entrevista que provavelmente não é conhecida entre nós e merece divulgação. Curtius, em 1935, foi convidado pelo governo português para visitar Lisboa nas festas da cidade de Santiago (corpo), o illustre escritor estava debilitado de velhice, porque não havia aderido ao nazismo. Não havia perdido a esperança de ver desmoronar-se o "julgado edifício de Adolf Hitler". Já alguns professores, ainda que não israelitas, estavam sendo expulsos das universidades, ou perseguidos sob outras formas. Curtius era daqueles que ainda resistiam, vivendo na sua cidade de Bonn (em cuja universidade sueca a Peter Linde, professor de línguas românicas) uma vida conturbada. Como se verá no curso da entrevista, o autor do "Essai sur la France" — um dos poucos que melhor conhecem a civilização francesa, que abertamente diz admitir — declara que o "panorama poético" da Alemanha era "desolador, árido, nu". Quanto à prosa, o único autor que se animou a propagar foi Thomas Mann, que já estava desolado pela tirania nazista.

Não sabemos que terá sucedido a Ernst Robert Curtius, rotulado, como estava, de forças iníquas e implacáveis. Para não perder a sua cátedra, nem a doce atmosfera da sua cidade natal, a cidade de Beethoven, e provável que tenha aderido molesto e melancolicamente ao despotismo da hora.

Ultimamente, na Conferência das Comissões de Cooperação Intelectual de Havana, um delegado cubano apresentou uma moção de aplauso à Inglaterra, por causa da luta do Império contra o despotismo e a intolerância do nazismo. Por proposta de um delegado brasileiro, a moção foi modificada, transformando-se numa saudação "a todos os homens" e a todos os povos "que lutam pelos mesmos fins. Com efeito, não é só o mundo britânico que estava e está empenhado nessa luta; não podemos esquecer que as próprias terras onde nasceu a tirania nazista, lá houveram oprimidos pela máquina do Götterglauben. Curtius, na Alemanha de Adolf Hitler, era um detestado. E a sua entrevista, em julho de 1935, é cheia de subentendidos... Pode ser que ele hoje esteja reduzido ao silêncio, mas espera, com certeza, a hora da libertação do seu povo e da sua Europa.

A entrevista que reproduzimos foi escrita pelo sr. Luiz Forjaz Trigueiros, jovem escritor português, uma das personalidades mais jovens da nova geração de jornalistas lisboetas.

Para bem se compreender a personalidade literária do prof. Ernst Robert Curtius é preciso, antes, enquadrar primeiro o seu entrevistado de hoje no seu ambiente de trabalho: a Universidade de Bonn, nas margens do Reno — com a influência da sua vida mental e pedagógica. Figura de alto relevo no panorama intelectual da Alemanha, Ernst Robert Curtius veio há pouco até nós com os seus elevados títulos de mestre, escritor e publicista distintíssimo. Não há ninguém que conheça a ação cultural da Universidade de Bonn e que não diga imediatamente a ela o nome ilustre do Professor Curtius — que rege ali uma cátedra de

Línguas Românicas — tribuna sempre aberta para a defesa do Espírito.

Mas não é só como Mestre e pensador que temos de encarar este complexo temperamento intelectual. Ernst Robert Curtius conhece como reves a nossa História e, com ela, a cultura ocidental. Autor de trabalhos admiráveis sobre Proust — cuja obra lhe foi objeto dum estudo cuidadoso — a personalidade literária de Balzac sugeria-lhe um livro que é um duplamente notabilíssimo. O seu "Balzac", que um francês se orgulharia de ter escrito, revela-nos um Curtius diferente, mais humano, mais acidental, e o trabalho de altíssimo valor, produto dum espírito perfeitamente ordenado, que se serve com brilho da sua cultura e, sem alardear nem ostentações, no-la transmite com elevação e superioridade.

Julgamos ver o prof. Ernst Robert Curtius, na cidade de Bonn onde outrora foi a fortaleza de Casira Bonnensis, cercada de montanhas secas — e o Reno lá em baixo a completar o quadro maravilhoso. Adicionamos-lhe percorrendo e estudando a sua deslumbrante catedral — bela igreja romana do século XI, com frisos de pinturas surpreendentes; calculamos-lo nesse Museu de Beethoven que guarda em cera o modelo das suas mãos geniais e lhe conserva num monumento sobre a lembrança eterna do seu gênio de artista. E enquadramos a figura severa, um tudonada respeitável do prof. Curtius, nas aldeias fronteiras que conduzem ao Museu Provincial de Antiguidades ou a esse estranho Castelo de Poppeledorj onde a Universidade guarda religiosamente as suas valiosíssimas coleções de História Natural.

E assim, emoldurando ao ambiente poético e misterioso de Bonn, que admiramos e nosso entrevistado de hoje. Foi assim que o vimos durante a conversa rápida que lhe pedimos para o "Bandarra" num momento de descanso em plena floresta da Büschel. Era, de fato, o prof. Curtius, de Bonn, quem falava conosco. Simplesmente, em vez das montanhas cobertas de neve tinhamos perante nós olhos todos o panorama magnífico que da Cruz Alta se alcança com a vista. Lá para longe, quase onde o horizonte termina para nós, a Serra da Estrela e o Carumulo recordavam-se a prumo na serenidade imensa.

E em vez do Reno e dessa Colônia de encanto e maravilha, quase vizinha de Bonn, divisávamos lá em baixo o Luso, a Curia, as terras férteis de Agueda ou, mais perto, o Vale dos Fatos, a Fonte Fria, a Porta das Lapas...

BALZAC

— Julgo conhecer, tanto quanto possível — diz-me Ernst R. Curtius — a literatura francesa. Para mim há nela um nome que especialmente me interessa: Balzac. E porque vi que nunca nenhum escritor estudara o seu pensamento, resolvi-me a preencher essa lacuna. O pensamento de Balzac — pensamento político, religioso e social — abraça tudo e é a chave da sua obra. É preciso conhecê-lo para compreender a sua unidade espiritual e literária!

Todos os livros de Balzac espelham a mesma concepção do mundo. Ele foi o escritor mais universalista que teve a França — sem deixar de ser, ao mesmo tempo, um escritor francês que "pensava" sempre e que fazia desta palavra "pensar" a ossatura da vida das suas figuras... Não se diga que Balzac olha-

va apenas a forma e não o conteúdo moral das suas personagens. Balzac foi sempre a através de tudo, um criador de verdade — e de ideias.

— A que atribue então a pouca influência das obras de Balzac na moderna literatura francesa? Porque indiscutivelmente o autor de "La femme de trente ans" não exerce a menor impressão nos escritores da França de hoje...

— Mas isso é a lei fatal das coisas, diz-me Curtius. O mundo tem sempre necessidade de novidades, de inédito. Tudo o que foi ontem dogma assente ou verdade aceita, desaparece amanhã...

"REGRESSO AO PRINCÍPIO!"

— Em seu entender, digo-lhe, a literatura atual — e não me refiro apenas à francesa — procura novos rumos, novos objetivos? Calcula, portanto, que assistiremos dentro em pouco a uma completa transformação nos moldes literários atuais?

— Ernst R. Curtius não hesita. Responde-me com um sorriso amargo:

— Não. Não creio. Há, de fato, por essa Europa além, uns tantos "movimentos" culturais e literários que se apresentam com rótulos mais ou menos diferentes. Eu lenho, porém, assistido à jactância de tanta originalidade que se apresentava ressumando vício, tenho visto o encolhimento de tanta "inovação", que não posso acreditar já nas diferentes experiências que vejo por aí...

— Mas disse-me há pouco que o mundo precisava de "novidades", de inédito...

— A novidade da que o mundo precisa consiste naquilo que já possuiu ou conhece mas disfarçado sob rótulos diferentes. É necessário julgo-o — que as novas gerações façam uma educação humanista mais sólida. Urge que os novos homens conheçam com os clássicos — onde tanto se aprende e onde há tanta coisa bela!

— Um regresso ao princípio...

— E porque não? Nada se perde em recordar — desde que se saiba depois avançar com os ensinamentos colhidos...

Não creio que a civilização se salve — e grita-se tanto que é necessário salvá-la! — sem uma intensa preparação humanista.

VIVEMOS UM MUNDO QUE SE TRANSFORMA

— E na Alemanha? Nota-se entre as modernas correntes literárias esse mesmo interesse pelos clássicos de que me falou?

— Na Alemanha não há hoje correntes literárias definidas — ou pelo menos não se põem. Quer nomes? Talvez Thomas Mann — que descende, aliás, de portugueses — e poucos mais... — Poetas?...

— Morreram os dois primeiros poetas da Alemanha contemporânea: Stefan George e Hugo Von Hofmannsahl. E hoje o panorama poético do meu país é desolador, árido, nu...

— A que atribue isso?

— Nós vivemos num mundo que se transforma, que busca ansioso novos rumos e direções. E o mundo moderno tem mais com que se preocupar do que com a poesia...

E, gentilmente, o prof. Curtius acrescenta:

Talvez que em Portugal, neste país idílico e bucólico que é o nosso, os poetas encontrem mais ambiente para cantar. Na Europa central perturbada e convulsa há tanto problema grave a resolver!

A entrevista estava terminada. Somos chegado já ao fim da mata — depois duma con-

Waldo Frank

Nenhum escritor da Norte-América tem mais sentido a nós outros do que Waldo Frank. Vem ele de uma geração de revolta declarada, da geração que começou a olhar para dentro de si mesma e descobrir vícios de origens, conflitos tremendos na formação de uma sociedade que se constituía sobre erros, preconceitos, desigualdades. Frank além de romancista, é crítico, é homem de sensibilidade feita de contrastes. Quando na poesia americana quebra-se inteiramente a tradição clássica, ele procura os clássicos com o grupo "Moods", na busca do ritmo, do metro, porque para eles o ritmo era íntimo da natureza, da vida. Fora-se o tempo de se querer a América como um produto de geração espontânea, Whitman que viera como um profeta de um mundo inacabado parecera um gigante que só dera filhos anões. Ele criou o seu ritmo que era como o ritmo de um Deus, ritmo igual do fluxo e refluxo da reprodução. Whitman bem merecia as palavras de Emerson: "Os americanos que estão desterrados podem voltar: nasceu um artista na América." Este artista se comperava a Cristóvão Colombo, era um místico como o genovês. Depois dele todos acharam que podiam ter descoberto a América, que tudo que ele fizera era bem fácil. Vieram então os pequenos violadores da lei que sem o gênio não passaram nunca da mediocridade do crime. Contra estes reagiram os homens de "Moods".

Waldo Frank vinha para tomar as dores pela expressão. E esta luta pela precisão iria dar ao novelista americano o seu poder de análise que nunca deixou de ser também poético. Neste sentido são os seus ensaios. Ele quer sentir a América nas suas origens; é um indagador, espécie de sonda perfurando sempre. Há pouco o seu estudo sobre a pintura americana foi um modelo de balanço psicológico do seu povo. Frank explicando a sua genia para sua arte. Ai ele fala da solidão americana, da selva imensa que é o gigante de muitos edifícios ciclopêicos e de muitas máquinas fabulosas.

Este americano perdido na selva como se estivesse nas florestas amazônicas é o homem que Frank quer libertar de cadeias. Soma origens e laras, multiplica sangue, concepções da vida, rubrica preconceitos e chega a conclusões que são mais de um optimismo. A América dos puritanos, dos negros, do ouro brutal, quer viver. Ter uma vida que se alimente de um amor que seja mais criação do que simples procriação. A América de Frank atravessou o período animal para chegar à consciência de sua solidão. Chegou por conseguinte ao período da auto-crítica. Esta solidão é o que vai salvar o americano de suas doenças infecciosas.

Porque quando o homem se sente assim isolado, fora do mundo, ameaçado, medita com mais acerto na fragilidade e vence os seus demônios. Os demônios da América haviam criado um mundo que parecia de monstros, um mundo alimentado de egoísmo cínico. Mas, no fundo, havia um Emerson que era como um anjo para mostra que a guarda americana tinha raízes divinas.

Os homens da geração de Waldo Frank começaram a analisar a América sem piedade. Poetas e romancistas eram ferro em brasa no lombo da justiça inchada. Seria assim uma geração de terroristas, de homens que queriam saber de tudo, de todos os segredos, de todas as vergonhas. Fareiam até odiar o país natal, pareciam em revolta contra os pais, os avós, a raça, contra o mundo, chamado de novo. Foi este pessimismo que levou Waldo Frank para seus irmãos da América Latina. De todos os escritores norte-americanos é este o que mais nos compreendeu. Frank veio até nós levado pelo amor mais profundo, pelo amor que sentiu um raço de instinto é também conduzido pela inteligência.

A América do Sul, o México, já não seriam terras de homens céticos e mestiços sentimentais. A outra América dos índios, dos espanhóis, dos negros, dos portugueses, dos mestiços representava para Frank um mundo complexo, um mundo de uma importância humana que é mais representativa, culturalmente, que o mundo norte-americano. E por isto, Frank nos diz:

"Nosso verdadeiro aliado na América Latina é o seu povo. E seus verdadeiros porta-vozes são seus escritores. Nossos esforços para nos alirmos a eles e para empreender um intercâmbio frutífero, tem sido criminosamente debéis. Nesta necessidade premente, a América Latina se nos adiantou. Seus escritores aprenderam com nossos mestres, abeberaram-se nas fontes de nossos poetas. Demonstraram aptidão e capacidade para assimilar nossa pujança intelectual muito mais que nós mesmos, até para admirar seus valores. Talvez isto não seja sendo natural, posto que suas vidas estão arraigadas em culturas mais profundas; porquanto, apesar de todas as suas divições, foram muito menos desintegrados pela máquina — e conservaram muito mais o contacto consigo mesmos, com seu solo e com o povo, que é a vida e o começo da subordinação. Mas agora é chegada a hora de nós — os norte-americanos — fazermos alguma coisa a respeito."

JOSÉ LINS DO REGO

versa que começara na Cruz Alta para morrer aqui, junto às escadas do hotel — e ressuscitar agora nas colunas do "Bandarra". Pedagogo e pensador, Ernst Curtius quis dar-nos uma lição — e não uma entrevista. Como a recebemos, tão depressa trônica como amarga, assim a transmitimos aos nossos leitores, repassada mesmo daquele ceticismo que julgamos encontrar em Curtius durante as rápidas trocas de impressões que tivemos.

Pedimos-lhe ainda uma frase que fosse o fecho, a síntese do seu pensamento; então, meditando bem as palavras, olhando a

vastidão do panorama com os seus olhos claros, como a querer abarcar o mundo, o prof. Ernst Robert Curtius, de Bonn, disse-nos:

— Saliente bem que é necessário manter vivo o espírito da cultura antiga. Sem ele nada se conseguirá fazer de verdadeiramente novo. E eu, que amo a França e que a sinto mais que muitos franceses, prelo no entanto hoje ainda, ler Dante, Virgílio ou Cervantes do que muitos escritores franceses contemporâneos. É sempre mau esquecer ou por de parte as lições que o passado nos legou!

LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Pequena teoria da bondade Brasileira - Cassiano Ricardo

(da ACADEMIA BRASILEIRA)

Não é a força que é anti-brasileira; é a violência. Amamos os governos "corajosamente autoritários"; o que detestamos são os governos atiradores. São os governos fracos e que são violentos e, portanto, contrários à nossa índole pacífica e construtiva.

A violência — que é a "bêta" do mundo atual — só se enriquece de um mérito que é o da instantaneidade em sua própria auto destruição. A força significa a autoridade, mas a violência não faz outra coisa senão destruí-la. Qual o meio, pois, de evitar que os países americanos tivessem que recorrer à violência para defender os princípios históricos e culturais que nos regem? O meio não seria outro sendo aquele que já estava na mais pura tradição americana: o governo forte, autoritário. A indicação não vinha de fora: vinha de Bolívar com passagem pelo "presidencialismo" laique. E, se quisermos buscá-la em nossa própria formação, veremos que vinha de nós mesmos. Isto é, do clan patriarcal e, principalmente, do chefe de bandeira que representava, num primeiro ensaio de "self-government", um governo disciplinado, humano, capaz de manter inquebrantável a unidade de sua "cidade em marcha".

Há quem diga que os ideais pacifistas são angelicais, anti-biológicos. A guerra é um fenômeno essencialmente biológico ("in non an absoluto biológico necessity") no dizer de Raymond Pearl. A teoria da aglutinação é de idéias parecer: a vida desapareceria se não ocorresse a reprodução individual e, nos organismos coletivos, a aglutinação que se realiza pela guerra. No Brasil, porém, todos sabemos que não se terá dado ainda a "degradação do potencial vital", em razão do qual surge a necessidade guerreira.

A própria doutrina sorleana — baseada num "ricorso" contra a decadência pelo refinamento e complexidade da civilização — pregando o retorno ao bárbaro ou instituído o sindicalismo para as "performances" da violência oficializada, é o fruto de uma enfermidade social que não ocorre, evidentemente, num mundo insular como é o nosso onde se processam tranquilamente as reformas que, em outros países, custavam rios de sangue.

Por circunstâncias que todos conhecemos, o brasileiro não sofre os problemas que identificam a ensanguentada paisagem material e espiritual da Europa. Não lhe cabe copiar esses problemas, pelo simples gosto maligno de trazer para aqui o ódio de raça, as desigualdades econômicas, o parágrafo dos países superlotados, o drama, entristecedor do pão e do espírito, as ideologias sinistras — que se dignam, hoje, no mais feroz

ajuste de contas de que o mundo de cá fora os tempos tem notícia. O clima social e sentimental nosso é, tipicamente, o oposto a tudo isso. O nosso povo forma-se pela conciliação de todos os conflitos humanos numa só forma de convivência, num estilo de vida que consiste em ter criado o máximo de felicidade social até hoje sonhado por teorias e projetos. Desde o primeiro momento, abrigou o nosso "eu" os oprimidos, os desajustados, os atirados às praias. A bondade brasileira é, por assim dizer, a base de nossa cultura.

Em toda parte o que se vê é o brasileiro que recebe a gente com carinho, no seu rancho. Deixar de nos oferecer qualquer coisa, uma laranja maciça ou um café mesmo curruco ou marca três, eles?... Capaz que um caboclo fizesse isso. Nunca. Como naquelas casas antigas, em que o quarto do hóspede era uma coisa obrigatória, a maior alegria do brasileiro e hospedeiro, mesmo um desconhecido que lhe peça um pouco numa noite de chuva. Só quem não viaja pelo interior, onde há mais Brasil do que nas cidades, não terá observado esse costume que faz parte do sangue e que é uma forma viva de solidariedade social ou de individualismo corrigido pela bondade própria do brasileiro que nasceu assim e que não muda mesmo. Já a hospitalidade do nosso índio foi decantada por observadores; assim como Jean de Léry. Outro cronista que andou visitando a terra, no começo ainda das coisas, fala dos índios que choram aos pés dos hóspedes: maneira triste e alegre (no dito pitoresco de Fernão Cardim) de receber visitas. Na Baía, conta ele que andou com quarenta pessoas sem coisa alguma de comer nem dinheiro; porém, onde quer que chegassem, e a qualquer hora eram agasalhados com toda a gente de todo o necessário para comer. Em São Paulo de Piratininga, a mesma coisa: 20 moradores foram a cavalo para recebê-lo. E obsequiaram-no tanto que ele chegou a exclamar: "nosso Senhor Deus, porque tanta caridade e amor? Em casos difíceis tinha-se até direito de assinar P. R. (Príncipe Regente) e ninguém podia, então, recusar a hospedagem. Não foi preciso tal liberdade pois na maior parte do interior de São Paulo (informa outro visitante) a hospitalidade é tão grande "que não nos deixaram pagar coisa alguma, parecendo que considerassem isso um tributo devido ao estrangeiro que constantemente recebe as mais significativas provas de bondade e benevolência". Nicolau Drey, na sua notícia descritiva da província do Rio Grande, nos conta o caso do sino que servia para avisar o viajante ou o devotado da vizinhança que era hora do almoço ou do jantar: assentava-se quem quisesse a essa mesa de hospitalidade. O dono, explica o escritor, não desejava saber sequer quem é o seu hóspede.

Beyer, o suco fica assustado com o costume de fazer presente de um objeto que a pessoa gada. Na viagem a Minas, diz ele, encontrei um capitão Ferreira que montava bonito cavaleiro e de andar excelente e como eu por acaso o dissesse, queria ele presentear-me com o animal do qual com muita dificuldade pude declinar".

Como se vê, o homem brasileiro não hospeda apenas; dá o que tem, muitas vezes, e não o faz sendo por aquele espírito de desprendimento que seria — como eu lá dizendo — o melhor corretivo do nosso individualismo econômico, em confronto com o individualismo burguês que tem feito a infelicidade de tantos povos. Parece ainda que, em seu naturalismo, mesmo já enriquecido pelo espírito é essa bondade brasileira que mais contribui para aquilo que poderíamos chamar nossa "democracia sentimental". Situada a questão na "bondade natural" já havia ela dado o mito do "bom selvagem" e entrado no maior movimento de idéias do século XVIII. Transposta para um plano cultural, poderíamos mesmo falar numa técnica de bondade, em contraposição à técnica da violência. É a técnica de quem, pela bondade, consegue desarmar antagonismos, ou melhor, desfazer os tais "equilíbrios de antagonismos" a que aludem os sociólogos. Ao invés de cultivar antagonismos para conseguir o equilíbrio e, através desse equilíbrio, a harmonia social, o brasileiro é o mediador necessário, o conciliador plástico entre todos os conflitos sociais, ideológicos, étnicos, econômicos; o árbitro entre nações desajustadas, no sentido de reconciliação.

Já no drama da conquista, "os capitães não perdiam por serem magnânimos e liberais". O bandeirante, ao contrário do que muita gente pensa, é o "soldado pacificador do gentio", é o conquistador que se caia com a filha do morubizaba, que assimilava os processos culturais indígenas, que se faz, muitas vezes, chefe da tribo ou traz o selicóla pelo "caminho da paz".

Que faz hoje um nordestino quando assiste a uma briga? Aposta num dos contendores. O brasileiro, ao contrário, intertem quando assiste a uma briga? Aposta num dos contendores. Lembremo-nos de que Tristão de Alvaide, em recente e luminoso ensaio, intitulado "Diretrizes do pensamento brasileiro", afirma: "O brasileiro vence e é vencido pelo coração. Mas sabemos todos que o primado do sentimento é o mais perigoso dos privilégios". A este último parte de sua observação opõem as palavras de Ramus: "est-ce qu'il n'y a pas un capital sentiment qui est naturel et qui, négligé, se utilise, va demander à être utilisé".

Outro escritor, Bertrand Russell, já por mim várias vezes citado a este propósito, pergunta: não haverá um meio de "fabricar" bondade para salvar o mundo do catolicismo que o espreia? Não haverá jeito de instituir uma junta secreta de fisiólogos para descobrir o meio de criar bondade? Como arranjar um remédio que torne os homens menos ferozes?

Roquette cita o alvitre de Keilh, que chama as supra-reais as glândulas de guerra. Já houve mesmo quem propusesse, "para obter a paz na Europa" — problema de alta importância e altíssima sociologia — a intervenção cirúrgica sistemática para diminuir os impulsos belicosos daquelas gentes pugnazas". A biologia oficial de certos países procura, sob vários aspectos, responder à pergunta angustiada e trágica. No entanto, o caso brasileiro é bem outro. Aqui a esperança obriga a ser bom, na terra onde tudo é a novidade. A facilidade da hierarquização pelo próprio esforço não deixa crescer o ódio. A liberdade de movimentos desembraga os gestos fecundos, convidando o homem a "largar a sua ruim natureza" — como já dizia o cronista. Fomos um dos primeiros povos do mundo a abolir a pena de morte. O brasileiro não gosta da justiça "no duro", inflexível na aplicação da lei que condena o próximo. Amamos a equidade, que não é insensação nossa mas que traduz a bondade no plano da justiça. A idéia de matança de inocentes, tão em voga, nos arripia o cabelo. A última revolução, a

de dez de novembro, foi feita com inocência cordialidade, mas no contacto puro e emotivo com o Brasil no original.

Não seria tão sem propósito, pois, uma pequena teoria da bondade brasileira, que ainda pretendo grafar.

Será uma bondade por temor de Deus, por ausência de dritros econômicos por mestiçagem conciliadora de arelas psicológicas e raciais, por índole herdada do português, pela soma de tendências contrárias mas coincidentes na direção de certos objetivos, por euforia espacial, por sentimento de hospitalidade provindo do aborígene, por nenhuma filosofia sobre o destino. Seja lá pelo que for. Mas "bondade" como a sentiam Freyre, Saint-Hilaire, Beyer, Zweig e outros espíritos que a observaram, não nos saímos, onde os convivas "se desatam cordalmente", não nas lutas políticas e intelectuais, cujos compassos "se entredevoram

experimentalmente muito mais, como e principalmente, na nossa inspiração, pois de versos lindos, belos descança sem o para outros de nenhuma beleza, empangas e hesitações. É um feito que percebemos seu significado e não podemos esquecer, apesar da ternura... Mas, ao buscar a leitura destes livros, na sugestão macia de mansidão e propósito não permanece em nós nada desses versos caricatos e encharcados de uma poesia pura natural!

Então, já o poeta é para nos um conspícuo, um velho conhecido que tivemos reencontrado. E, sobretudo, é um letrado que acrescentamos ao nosso mundo. Sentimos-lhe a figura pequena, apesar das influências e mesmo das suas deficiências, contrabalançadas por momentos da mais pura e mais alta poesia. Arrastando-se no trabalho, buscando a cura, humildemente, nenhuma revolta o dominava. Antes, havia a "fonte de poesia" que o Senhor ocultava em si. Apenas uma vez se revoltou e foi ainda para se dirigir ao Senhor e confessar:

"Até penso, Senhor, e já me libertei. Que me fizeste assim surgir da terra. Para o prazer brutal de ver sofrer. E eu preciso, Senhor, viver também!"

É um momento forte, e que contrasta com a sua resignação constante, com os seus versos descançados ou então exaltados, com o sentimento, numa atitude de reconhecimento e da humildade alegre. Mas é um momento passageiro, rápido, quase sempre, o poeta mostra uma aceitação completa do seu destino. E toda a sua poesia se caracteriza por uma melancolia leve e melancolia, uma doçura transparente, um amor incoerente pela simplicidade. Tudo nessa poesia foi muito simples e as suas queixas, transtornos, não mais nada, uma simplicidade que a conduzir a deliciosas confidências. Já aí esteve.

"Eu irei para o céu, tenho a certeza. Estou livre de todo o meu pecado. Limpel-me até da mínima impureza". E quando escreve: "Já perdi a beleza de sofrer. Minha tristeza vem deste mal físico". Foi-se o bem de ser doente sem saber — e antes nunca soubera que sou — físico.

(Continua na página 214)

TERNURA PERIGOSA

Alphonsus de Guimaraens Filho

Há uma ternura perigosa que importa uma espécie de perda antecelso a todas as imperfeições. Posso bem dizer isto, agora, quando acabo de ler a "Casa Destelhada" e "A Sala dos Passos Perdidos", do nosso, Rodrigues de Abreu, e me vejo inclinado a aceitar totalmente os versos desse poeta de quem nos ficou uma tradição de homem purificado, lá diz mesmo: santificado pelo sofrimento. Ele próprio escreveu um dia: "Santifique-me pelo sofrimento!" Todos que convivem com o poeta enfermo e humilde não se esquecem da sua bondade, da sua tristeza que no fundo era uma doçura permanente para sentir e viver as coisas deste mundo. O sr. Silveira Bueno, que fez prefácio à edição de "Casa Destelhada", escreve: "A jovialidade viveu sempre no seu traço dominante. Aqui mesmo, nos últimos tempos de sua vida, conversando conosco, e é era de extraordinária jovialidade, amigo de rir, de rir até a fúria". E o sr. Menotti del Picchia nos conta, no prefácio de "A Sala dos Passos Perdidos": "Rodrigues de Abreu não viveu, arrastando a sua humilde agonia pela terra, tão era mais do que uma alma. Uma alma pura, cristalina, sensível que se desmanchava em versos". Não gosto de ver o sr. Menotti del Picchia, entre palavras tão simples e comovidas, mencionar o "cabelo desleído" do poeta, palavra de honra. Ainda recentemente, na sua "Balada de Campos do Jordão", Ari de Andrade recordou o "São Benedito de Abreu". E é fácil amar este poeta "limido desde criança", como se confessou ele próprio, arreio e solitário, mas enternecido com o mundo e com a vida, apesar de todas as provações.

Diante de semelhante poeta, pode alguém assumir uma atitude de quem se sente envergonhado? Implacável? Começo por pensar no destino humano do poeta. Rodrigues de Abreu, na sua vidinha melancólica em Bauri, onde trabalhava num cartório, depois a sua doença, o seu completo abandono à poesia... E não me esqueço de que este poeta, tão cedo morto, deixou-nos uma obra farta, mas que ainda assim não nos satisfaz de todo, apagado reflexo dessa grande alma. Morreu cedo, e só este fato bastaria para que o lessemos como a maior ternura, igual à que me vence quando leio os versos na sua quase totalidade incharacterísticas e imperfeitos do mineiro Artur Prança, desaparecido em Diamantina em 1902, com 22 anos incompletos.

Figura de uma fase de transição, sofrendo várias influências, bem visíveis nos seus versos, Rodrigues legou-nos uma obra irregular. Na exceção de pouquíssimas poesias, o poeta ainda não utilizou o verso livre. Virá a utilizá-lo, muito mais frequentemente, na "Casa Destelhada", embora estivesse sempre vacilando entre a forma a escolher. Sinto-o muitas vezes meio sem jeito para manejar o verso livre, afetado à metrificação. Não apenas no metro o poeta foi irregular o que, aliás, lhe valoriza a poesia e o poeta capaz de se renovar, num

O AMOR

Joaquim Manuel de Macedo

Assim como o grito tem o eco, a flor o aroma e a dor o gemido, tem o amor o suspiro; ah! o amor é um demônio, que não pede para entrar no coração da gente, e, hóspede quase sempre importuno, por pior trato que se lhe dê não desconfia, não se despele, vai-se colocando e deixando ficar, sem vergonha nenhuma, faz-se dono da casa alheia, toma conta de todas as ações, leva seu domínio muito cedo aos olhos, e às vezes dá tais saltos no coração, que chega a ir encarnar-se no juízo; e então, adeus minhas encomendas!

DIRCEU E MARÍLIA - Afonso Arinos de Melo Franco

(SCENA FINAL)

GONZAGA (depois de alguns instantes de reflexão)

Está bem, meu amigo,
Estou ao seu dispor. Possa falar a Helena?

O OFICIAL

Na minha vista, sim. Creia que tenho pena
De usar de tal rigor, mas a instrução que trago.
E' que me faz cumprir este dever amargo.
Seus trastes e papéis serão arrastados,
A casa ficará guardada por soldados,
Só poderá levar a roupa que vestir...

GONZAGA (interrompendo-o)

Pois ainda prefiro isto tudo a fugir!
Os meus trastes não contam, e os papéis guar-
São simples versos, pobres versos ignorados
E de nenhum valor, a não ser para mim
E' para aquela que os inspira... Mesmo assim
Sinto vê-los entregues a maledicentes
Leitores ou confiados a indiferentes
Empregados que os meterão pelos arquivos...

Mas, embora ignorados, são pedaços vivos
Do amor que fez de mim um poeta brasileiro...

(A Helena)

Helena, vou partir para longe e o primeiro
Encargo que te deixa é cuidar da senhora;
Consegui acalmá-la e está dormindo agora
Como uma criança... Assim que ela acordar
Dize-lhe que partiu, mas que espero voltar,
Que não me despedi para evitar-lhe a cena
A que estás assistindo, minha boa Helena.
Diz-lhe também que me entreguei de ânimo

Que a leve dentro do meu peito e até a morte
Guardarei com fervor sua amada lembrança
Que é mais que uma saudade, pois é uma

Qualquer que seja a direção da minha vida
Pairará sobre mim sua imagem querida
Como uma estrela, que a brilhar no céu distante
Orienta, sem saber, a rota do viajante...
Se acaso eu não voltar, fica sempre com ela
Por todo o resto dos teus dias... cuida dela
Como de mim cuidaste... Adeus Helena,

[adeus...

HELENA (ajoelhada junto ao preguiçoso)

Ai! meu senhor! Ide com Deus, voltai com Deus!

(O oficial passa as algemas em Gon-
zaga e joga-lhe a seu capote sobre os
ombros. Gonzaga vai até à porta e
quase abre-a com cuidado e, da sala,
olha lentamente Marília adormecida.
Ela seguida se dirige a porta da rua.
Quando esta se abre aparece o sol
sobre os telhados, que estavam da lado do sol.
Está nascendo o sol.)

GONZAGA

O sol nasce... Que belo! Esvai-se a treva, e o dia
Em brava-há-de surgir. Que importa a tirania
Que tem no crime e na opressão o seu poder?
Nada pode impedir o sol de aparecer!

(Com o povo lentamente, enquanto
Gonzaga se afasta no meio da multidão,
e Helena continua de joelhos, rezando)

ANO FINAL

Efemérides da Academia

16 DE ABRIL

- 1845 — Nascimento, em Sabará, Minas, de Julio Ribeiro, pa-
trono da cadeira n. 24.
- 1914 — Falecimento de Heracilio Graça.
- 1936 — Eleição do sr. Pedro Calmon, na vaga de Felix Pacheco.

19 DE ABRIL

- 1836 — Nascimento, nesta capital, de Joaquim José da França
Junior, patrono da cadeira n. 12.
- 1940 — Falecimento, em Petrópolis, de Luiz Guimarães Filho.

20 DE ABRIL

- 1833 — Nascimento, em Alagoas, de Tavares Bastos, patrono
da cadeira n. 35.
- 1845 — Nascimento, nesta capital, do Barão do Rio Branco.
- 1927 — Recepção do sr. Olegario Mariano, pelo sr. Gustavo
Barroso.

21 DE ABRIL

- 1861 — Nascimento, em Sergipe, de Silvio Romero.

22 DE ABRIL

- 1934 — Falecimento, em Santos, de Vicente de Carvalho.
- 1934 — Falecimento, nesta capital, de Augusto de Lima.

23 DE ABRIL

- 1815 — Falecimento, em Lisboa, do naturalista Alexandre Ro-
drigues Ferreira, patrono da cadeira n. 11, do quadro
das correspondentes.
- 1931 — Eleição de Alcântara Machado, na vaga de Silva Ramos.
- 1934 — Falecimento, nesta capital, de Gregório Fonseca.
- 1940 — Falecimento, em Lisboa, do correspondente Alberto
d'Oliveira.

25 DE ABRIL

- 1852 — Falecimento de Alvares de Azevedo, patrono da cadei-
ra n. 2.
- 1922 — Falecimento, em Paris, do correspondente Jean Finot.

26 DE ABRIL

- 1863 — Falecimento, em Portugal, de João Francisco Lisbon,
patrono da cadeira n. 13.

27 DE ABRIL

- 1754 — Nascimento, na Baía, de Alexandre Rodrigues Ferreira.
- 1829 — Nascimento de Herbert Spencer, que foi membro cor-
respondente.

28 DE ABRIL

- 1829 — Nascimento, em Santiago do Chile, de Guilherme B'ast
Gana, que foi correspondente.
- 1857 — Nascimento, em Palmital de Saquarema, de Alberto de
Oliveira.
- 1926 — Inauguração no jardim da praia do Russell, do busto de
Alberto de Oliveira.
- 1937 — Sessão pública em homenagem à memória de Alberto
de Oliveira.

29 DE ABRIL

- 1870 — Nascimento, em Pati do Alferes, de Osório Duque
Estrada.
- 1937 — Eleição do sr. Barbosa Lima Sobrinho, na vaga de Gou-
lart de Andrade.

30 DE ABRIL

- 1804 — Nascimento, em Pernambuco, de Antonio Peregrino Ma-
ciel Monteiro, patrono da cadeira n. 21.

Um poema de Afonso Arinos de Melo Franco

Afonso Arinos de Melo Franco
é um dos espíritos mais pode-
rosos da atual geração brasileira.
Professor e jornalista, em
sua cátedra e em sua coluna
diária vem ele criando a sua
obra e alguns dos seus livros
constituem verdadeiras colu-
nas-mestras do nosso pensa-
mento, hoje em dia. Está nesse
caso, por exemplo, o seu livro
sobre o selvagem brasileiro,
obra indispensável a todos os
estudiosos do Brasil e da Amé-
rica, e na qual ele nos demon-
stra o grande reflexo que na
evolução das ideias filosóficas
e sociais da Europa teve o abo-
rigene americano.

Agora, Afonso Arinos de Melo
Franco publica o seu lindo dra-
ma, em 3 atos, Dirceu e Marília

(Livraria Martins Editora, São
Paulo). Construído em versos
alexandrinos, de uma fluidez
rara, esse livro ficará como uma

nota à parte, comovida e poé-
tica, na obra do publicista.

De Dirceu e Marília reprodu-
zimos aqui algumas das torn-



TERNURA PERIGOSA

(Continuação da página 213)

Sente-se que é um outro mo-
mento especial do poeta e que este
amava a vida ("Estranho amor",
página 28, "A minha vida", pá-
gina 31, ambos de "A Sala das
Passos Perdidos"), mesmo com to-
das as suas adversidades.

Poderia falar ainda da sua troi-

nia que, embora como sombra té-
nue, não deixa de participar da
sua maneira de viver. Recordemos
que Rodrigues não hesitou em in-
cluir num dos seus mais belos poe-
mas — "Mar Desconhecido" —
estes versos atualíssimos:

"Descobriria um mundo desconhe-
cido
Para onde fossem os japoneses
Que teimam em vir para o Bra-
sil..."

HELENA DE TROIA

Num diálogo de Luciano, um
galo, que na guerra de Troia fora
Eufébio, f'a azeite a respeito de
Helena:

"Ela não era tão bela quanto nós
agora acreditamos. Eu a vejo sin-
da, com a sua face pálida, seu
pescoço longo, e que lhe dera o
apelido de filha de um cisco. De
rato, era velha, e quase da mesma
idade de Heurba. Tinha sido rap-
tada por Troia, contemporânea
de Hércules. Ora, meu irmão, é co-
modo Troia no tempo de nossos
pais, que existiam precisamente
nessa época. Ouvi tudo isso de
Panteu, que me disse ter sido Hér-
cules na infância". (Luciano, "O
sonho ou o galo").

Um poeta como este terá sempre
os seus amigos fiéis. A realiza-
ção de sua vida completou-se na
poesia e é nela que encontraremos
o homem docemente melancólico
que foi Rodrigues de Abreu. Nem
mais reagiremos a perigosa ter-
nura. Que ela nos domine. Não
importa. Acetaremos o poeta em
indicação e o teremos como um no-
vo amigo, para sempre. Um amigo
que nos trouxe, com a sua poesia,
uma lição de infância e de humil-
dade alegre.

(Belo Horizonte, abril de 1942).



nas ilustrações de Luiz Jardim,
que lhe ilustram o texto. E da-
mos, acima, o episódio final
do poema, que é o da prisão de
Gonzaga.

